



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
CURSO DE JORNALISMO**

EUZIANE ERLEM GOMES BASTOS  
ANTÔNIO ROGÉRIO BIÉ DE MOURA

**DOCUMENTÁRIO FILHOS DO VENTO: ENERGIA EÓLICA E IMPACTOS  
SOCIOAMBIENTAIS NO QUILOMBO DO CUMBE, EM ARACATI**

RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DO PRODUTO

FORTALEZA

2023

EUZIANE ERLEM GOMES BASTOS  
ANTÔNIO ROGÉRIO BIÉ DE MOURA

FILHOS DO VENTO: ENERGIA EÓLICA E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS  
NO QUILOMBO DO CUMBE, EM ARACATI

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Kamila Bossato Fernandes

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos

- 
- B327f Bastos, Euziane Erlem Gomes.  
Filhos do Vento : energia eólica e impactos socioambientais no Quilombo do Cumbe, em Aracati /  
Euziane Erlem Gomes Bastos, Antônio Rogério Bié de Moura. – 2023.  
86 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e  
Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2023.  
Orientação: Profa. Dra. Kamila Bossato Fernandes.
1. Energia eólica. 2. Meio ambiente. 3. Impactos. 4. Filhos do Vento. 5. Documentário. I. Moura,  
Antônio Rogério Bié de. II. Título.

---

CDD 070.4

EUZIANE ERLEM GOMES BASTOS  
ANTÔNIO ROGÉRIO BIÉ DE MOURA

FILHOS DO VENTO: ENERGIA EÓLICA E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS  
NO QUILOMBO DO CUMBE, EM ARACATI

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Kamila Bossato Fernandes

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Kamila Bossato Fernandes (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. Antônio Jeovah de Andrade Meireles  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Eriene Firmino da Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Me(a) Andréa Machado Camurça  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

**De Euziane Bastos**

A Deus vai o meu primeiro agradecimento. Passei por alguns dos piores momentos da minha vida durante o período de graduação e até aqui Ele me sustentou.

Àqueles que estiveram comigo desde o início de tudo: meus pais Diana e Beto. Minha mãe sempre foi motivo de inspiração para mim. Foi a primeira de sua família a obter diploma de ensino superior e, desde o começo, fez inúmeros esforços para conseguir finalizar sua graduação. Lembro-me de vê-la acordando de madrugada para viajar ao município de Sobral, onde cursava química, e de passar noites em claro fazendo os trabalhos da faculdade. Mãe, você foi meu primeiro amor, meu primeiro exemplo de resiliência. Te amo muito.

Ao meu pai, que hoje já não está mais entre nós, escrevo com lágrimas nos olhos. Gostaria que o senhor estivesse aqui presenciando tudo isso. Eu consegui! Mas tenho certeza de que não seria uma surpresa, já que o senhor sempre acreditou que eu conseguiria. Obrigada por passar noites em claro conversando comigo quando eu tinha medo do escuro, você é e sempre será meu principal exemplo de força e coragem. Te amo muito.

Aos meus tios Adriana e Lourenço (a quem costumo chamar de tia Santa e Azevedo), eu agradeço enormemente por terem me acolhido em sua casa durante o ensino médio. Sair de casa aos 16 não foi fácil, mas vocês me acolheram como se eu fosse a sua própria filha. Azevedo, obrigada por me deixar e buscar da escola, você foi um segundo pai pra mim. Tia Santa, obrigada por preparar minha marmita todos os dias e por se preocupar comigo. Obrigada aos dois por terem participado de todas as reuniões de pais. Vocês foram essenciais para essa conquista do diploma em jornalismo.

Aos meus professores do ensino fundamental, médio e superior, eu agradeço pelos ensinamentos. Sempre fui muito próxima a meus professores e sempre acreditei que esse laço de amizade fosse importante para minha formação, sobretudo quando mudei para uma escola em que não conhecia

ninguém. Os senhores foram peça-chave para toda a minha formação, incluindo a minha formação como pessoa.

Agradeço àqueles que contribuíram para o meu aprendizado. A minha colega de classe de ensino médio Vanessa, por compartilhar seus conhecimentos comigo com tanta paciência. Ao senhor Armando e ao Marcos André, por acreditar no meu potencial e me conceder uma bolsa de estudos. Ao coordenador Kássio por me auxiliar durante o período de adaptação na nova escola e à psicóloga Katiane, por me receber de braços abertos quando precisei.

Àqueles que considerei, em algum ponto de minha vida, como melhores amigos, agradeço pela parceria, pelos conselhos e pelo companheirismo. Desejo muito sucesso a cada um de vocês. Agradeço também aos amigos que permanecem em minha vida: Iago, Betisa, Ana, Bia, Cecília, Abner, Luic, Farias, Vitória Hellen, Arthie e tantos outros que estiveram comigo em momentos difíceis e felizes. Aos que se aproximaram recentemente, Mari, David e Kleber, espero que continuemos a compartilhar bons momentos. Me perdoem se esqueci alguém.

Ao meu colega de faculdade, TCC, profissão e vida Rogério Bié, não poderia esquecer de você, é claro. Te agradeço imensamente por todos esses anos de amizade e parceria. Agradeço também por ter topado esse convite para fazer esse documentário comigo. Você é uma pessoa que eu quero manter em minha vida permanentemente. Obrigada por ser essa pessoa tão iluminada e cheia de vida, você contagia com entusiasmo qualquer ambiente.

A nossa orientadora Kamila, eu agradeço o acolhimento e aconselhamento. Kamila, você é uma das profissionais que mais admiro e ter você como tutora é uma honra. Acredito que tanto eu quanto o Rogério nos sentimos seguros em produzir todo esse trabalho com o seu apoio. Espero me tornar uma profissional tão boa quanto você!

Agradeço a minha ex-psicóloga Carolina pelos bons momentos juntas. Carol, tive minha primeira sessão de terapia com você e fui capaz de compreender o quanto é importante se abrir. Sempre saía de sua sala aliviada. Você foi crucial para que eu conseguisse enxergar a força em mim.

Agradeço às nossas fontes e personagens. Todos foram extremamente solícitos e receptivos. Foi um prazer conhecer a história de cada um de vocês.

Aos meus gestores nos estágios que fiz no jornal O POVO e no Sistema Verdes Mares: muito obrigada pelos ensinamentos! Vocês foram essenciais para que essas primeiras experiências na profissão fossem incríveis.

Agradeço aos 7 artistas que também estiveram comigo no meu momento mais difícil até então: Jeon Jungkook, Park Jimin, Kim Taehyung, Jung Hoseok, Kim Namjoon, Min Yoongi e Kim Seokjin. Conhecê-los foi um prazer. Suas músicas tocaram o mais íntimo do meu coração e me fizeram superar tristezas e inseguranças. Vocês me inspiram, I purple you!

Agradeço também à Nara, meu amorzinho. Você esteve comigo durante todos os meus surtos e me acalmou de uma forma que só você consegue. Obrigada por ser essa parceira e por me apoiar em tudo. Te amo.

Por último, mas não menos importante, agradeço a mim mesma e a quem eu me tornei. Hoje atingi um nível de autoconhecimento que antes jamais seria capaz de imaginar. Ainda falta muito, reconheço, mas espero a cada dia viver a melhor versão de mim, sem medos, apenas a força de vontade que me trouxe até aqui e que me fez conquistar o que eu acreditava não ser capaz de conquistar. Se fosse para enviar uma mensagem a minha eu do passado, eu diria: Você, minha querida Euzi, agora é JORNALISTA. Esse é apenas mais um dos passos até que você se torne repórter e, então, correspondente internacional. Você não gosta mais de jornalismo político como gostava antes, então talvez siga na área do jornalismo cultural. Erga a cabeça e continue o que você está fazendo agora. Vai dar certo!

**De Rogério Bié**

Quando me mudei de Santa Quitéria para Fortaleza, em fevereiro de 2019, para cursar jornalismo na Universidade Federal do Ceará, eu estava com muito medo. Medo, primeiro, de não me sentir pertencente a esse lugar para o qual estava vindo sozinho. Medo de não ser capaz de permanecer

e, principalmente, de ser obrigado a não permanecer. Como um jovem vindo de um assentamento na zona rural, cresci em uma realidade onde, infelizmente, ter grandes aspirações de futuro não era tão encorajado, e a universidade, até certo tempo, ainda era um caminho distante e pouco pavimentado.

Costumo dizer que boa parte da minha infância e adolescência foi marcada por grandes pontos de interrogação. Como posso voar além? Como posso ajudar a transformar essa realidade? As respostas — não todas, mas muitas delas — foram se mostrando através da educação, e esse trabalho, com tudo o que ele representa, é o símbolo do poder transformador que ela tem na construção de uma sociedade com mais justiça e equidade.

Dito isso, agradeço, primeiramente, à minha família, que esteve comigo desde o começo e foi a grande incentivadora para que eu me mantivesse firme durante toda essa jornada de formação acadêmica. Obrigado por me ensinarem tanto sobre como viver no mundo e ser bondoso.

A todos do Assentamento Pintada, comunidade do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na qual cresci e onde tenho muitas das minhas mais afetivas memórias. Crescer nesse espaço de luta e resistência me ensinou, desde muito cedo, a batalhar por espaços e a importância de contar histórias de impacto no caminho da justiça social. Trouxe muito do que aprendi com meus professores, lideranças comunitárias, colegas de classe e companheiros de jornada para esse trabalho. Minhas raízes estão aí, e agora espalharei as sementes por todo o mundo.

Obrigado também a todos que fizeram parte de minha trajetória escolar, desde as aulas na não mais existente EMEF Santa Nazaré, no Assentamento Pintada, e a EMEF Santa Edwiges, no Assentamento Piabas, onde um senso de curiosidade vitalício foi criado em mim. Aos que fazem a EEEP Monsenhor Luis Ximenes Freire, de Santa Quitéria, lugar onde me tornei não apenas um cidadão mais ciente do meu papel na mudança social, mas onde me tornei um ser humano mais empático e, claro, onde realizei grandes sonhos.

Aos meus companheiros de viagem durante o Jovens Embaixadores. Sem a companhia de vocês durante todas aquelas primeiras experiências que compartilhamos, eu não seria tão confiante e vulnerável. Fireworks! Obrigado também aos meus amigos do Impacta Jovem, do Cidadão Digital, da Latin America Leadership Academy, do South America Business Forum e da Escola de Governança da Internet. Sou muito feliz de ter tido a oportunidade de me conectar com pessoas tão brilhantes.

Agradeço infinitamente aos meus colegas de faculdade por tornarem todos esses anos tão mais suportáveis e bons de serem vividos. Tenho uma lembrança muito específica de meus primeiros dias na universidade, quando eu mal tinha dinheiro para as passagens de ônibus, e vocês se juntaram para me ajudar a comprar minha primeira blusa do curso. Sou eternamente grato pelos compartilhamentos dos anseios de futuro, pelas conversas nas mesas e ruas do Benfica afora e, principalmente, por me mostrarem que é possível construir laços verdadeiros e duradouros na universidade. Aos professores, não poderia ser mais grato por tantos ensinamentos e por me lapidarem como um jornalista humano, sobretudo.

Minha vivência universitária foi também enriquecida pela participação nos projetos de extensão do curso de jornalismo, que me ajudaram a dar grandes passos no fazer da comunicação no dia a dia, principalmente com aprendizados que foram muito além da universidade. Ao Comitê de Imprensa Internacional (CII), Grupo de Práticas e Estudos em Jornalismo Audiovisual (Gruppe), o projeto de extensão de Apoio à Comunicação Alternativa, Cidadã e Comunitária (Cacco), Midiando e o incrível Cadastra Eu!, todas as horas a mais que passei acordado por causa de vocês não poderiam ter sido melhor aproveitadas.

A todos os meus vizinhos da Residência Universitária 125 da UFC, obrigado por compartilharem muito das vivências de quem vem de fora com grandes sonhos. À Pró-Reitoria de Assistência Estudantil, agradeço por todo o suporte durante esses anos. Eu com certeza não estaria escrevendo esses agradecimentos agora se não fossem todas as políticas de assistência estudantil que me mantiveram na universidade.

Aos amigos da Secretaria da Educação do Ceará, onde tenho a honra de atuar profissionalmente, obrigado por me ensinarem tanto sobre o verdadeiro significado de trabalho em equipe e rede de apoio. Minha experiência na Coordenadoria de Protagonismo Estudantil (COPES) e, mais recentemente, na Assessoria de Comunicação (Ascom), despertaram essa vontade de me aventurar pelo audiovisual. Esse documentário tem muita coisa que aprendi por aí, viu?

À minha parceira de trabalho, universidade e de vida, Euziane, nem todas as palavras em português ou qualquer língua do universo juntas seriam capazes de dimensionar o tanto que sou feliz em dividir todas essas experiências com você. Obrigado por ter embarcado nessa jornada comigo. Os perrengues de beira de estrada, superação de grandes medos e os saltos de fé, mesmo quando os ventos não estavam a favor, fizeram de nossa amizade algo que quero levar para a vida. Você é uma pessoa iluminada e que ilumina tudo ao seu redor.

À nossa querida orientadora, Kamila, esse trabalho não seria a mesma coisa sem os seus conselhos e muito da sua vasta experiência como essa profissional maravilhosa que você é. Em todos os momentos, sem exceção, você continua a nos incentivar e a acreditar que era possível. E olha só onde nós estamos!

A cantora Lana Del Rey, obrigado por todas as canções que me acompanharam durante todos esses anos, seja nas madrugadas viradas ou nas tantas paisagens borradas pelas janelas dos ônibus. A sua música transforma e move as pessoas. Three white butterflies to know you're near!

A todos que nos ajudaram a fazer esse documentário possível, essa conquista é de vocês também. Leandro, Dedê, Vitória Hellen e Guilherme, obrigado por nos emprestarem um pouco do olhar único e apurado de vocês nas gravações. Gabriel, a beleza das suas artes nas animações fez desse documentário mais do que um relato pela justiça, uma memória permanente das vivências de muitos que por tanto tempo tiveram suas vozes silenciadas. Wesley, a sua música elevou o nível do trabalho de maneiras que sequer imaginávamos possíveis.

Aos moradores e lideranças do Cumbe, a história de vocês tem um poder que vai ajudar a transformar a vida de toda uma geração de comunidades tradicionais no Ceará e no Brasil.

Obrigado por todo o acolhimento e por compartilharem tantas memórias. Esse filme é de vocês! Às demais fontes, gratidão pelo compartilhamento de saberes e por nos auxiliarem a fortalecer essa história frente a um cenário de urgência tão grande.

E, finalmente, a mim mesmo. Olha só, agora você é jornalista! Sou muito feliz de ainda ter muito daquele Bié que passava horas lendo as revistas da Superinteressante, os textos dos livros didáticos e assistindo aos documentários da TV Cultura, imaginando quando você também estaria fazendo tudo aquilo. Pois bem, parece que você está no caminho certo, hein? Jamais esqueça da sua trajetória e tudo que você viveu até aqui. A você, eu confesso que é um pouco difícil à medida que a gente vai crescendo e o mundo parece ir ficando menor, mas sempre, absolutamente sempre, vai existir uma maneira de (re)descobrir que ele pode ser grande de novo.

## RESUMO

Este relatório técnico aborda os meios teóricos e técnicos utilizados para a produção do documentário longa metragem “Filhos do Ventos: energia eólica e impactos socioambientais no Quilombo do Cumbe, em Aracati”, em que buscamos trazer à tona os impactos da instalação de parques eólicos com um recorte específico para o social. Tendo em vista esse cenário, o produto esmiúça as consequências de relações entre os moradores da comunidade próxima ao empreendimento com os trabalhadores que vêm de outras cidades para atuar na construção desses parques. A partir dessas relações, nascem os "filhos dos ventos", nome popular dado às crianças e adolescentes filhos dessas locais com esses trabalhadores. A comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati (CE), é uma das que mais sofreram com os impactos socioambientais derivados da instalação desses parques, além de ser uma das primeiras do Estado a receber esses empreendimentos quando ainda não tínhamos exemplos palpáveis das consequências que a implantação dos aerogeradores poderia causar no dia a dia das comunidades próximas. Nesta produção, falamos sobre esse impacto, trazendo como plano de fundo o histórico de lutas da comunidade, bem como um panorama dos demais impactos socioambientais que a implantação da energia eólica pode causar. Afinal de contas, energia eólica é "limpa" para quem?

**Palavras-chave:** energia eólica, meio ambiente, impactos, filhos do vento, documentário

## ABSTRACT

This technical report addresses the theoretical and technical ways used to produce the feature-length documentary “Filhos do Ventos: wind energy and socio-environmental impacts in Quilombo do Cumbe, in Aracati”, in which we seek to bring to light the impacts of installing wind farms with a specific cut for the social. Given this scenario, the product scrutinizes the consequences of relationships between residents of the community close to the project and workers who come from other cities to work on the construction of these wind farms. From these relationships, the "children of the winds" are born, a popular name given to children and adolescents who are children of these workers. The quilombola community of Cumbe, in Aracati (CE), is one of those that suffered most from the socio-environmental impacts resulting from the installation of these wind farms, in addition to being one of the first in the State of Ceará to receive these projects when we still did not have tangible examples of the consequences that the implementation of wind turbines could have an impact on the daily lives of nearby communities. In this production, we talk about this impact, bringing as a background the history of the community's struggles, as well as an overview of the other socio-environmental impacts that the implementation of wind energy can cause. After all, wind energy is “clean” for who?

**Keywords:** wind energy, environment, impacts, children of the wind, documentary

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEEÓLICA	Associação Brasileira de Energia Eólica e Novas Tecnologias
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
CAGECE	Companhia de Água e Esgoto do Ceará
EIA	Estudo de impacto Ambiental
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LABOCART	Laboratório de Geoprocessamento e Cartografia Social
PIB	Produto Interno Bruto
RAS	Relatório Ambiental Simplificado
RIMA	Relatório de Impacto Ambiental
SEMACE	Superintendência Estadual do Meio Ambiente
SIGA	Sistema de Informações de Geração da Aneel
UFC	Universidade Federal do Ceará

## LISTA DE MAPAS, TABELAS E FIGURAS

Mapa 1 - Localização dos parques eólicos no Estado do Ceará (Julho de 2020).....	26
Tabela 1 – Cronograma de produção.....	34
Figura 1 – Organização das etapas de produção (Trello).....	35
Figura 2 – Chegada ao Cumbe, 10/06/2023.....	36
Figura 3 – Visita de campo no mangue, 10/06/2023.....	36
Figura 4 – Visita de campo no mangue, 10/06/2023.....	37
Figura 5 – João do Cumbe no parque eólico, 09/09/2023.....	38
Figura 6 – Gravações no parque eólico, 09/09/2023.....	38
Figura 7 – Gravações com Ana Paula, Isabel e Ana Mara, 10/09/2023.....	39
Figura 8 – Gravações com Cleomar Ribeiro, 21/10/2023.....	40
Figura 9 – Gravações na Associação Quilombola, 21/10/2023.....	40
Figura 10 – Gravações no parque eólico Associação Quilombola, 21 e 22/10/2023.....	41
Figura 11 – Gravações com Ronaldo, no Rio Jaguaribe, 22/10/2023.....	41
Tabela 2 – Entrevistas no Cumbe.....	44
Tabela 3 – Estrutura do roteiro.....	46
Tabela 4 – Blocos do documentário.....	46
Figura 12 – Letreiro introdutório (Bloco 1).....	47
Figura 13 – Título (bloco 1).....	47
Figura 14 – Vinheta com os créditos iniciais. (bloco 1).....	47
Figura 15 – Imagem de apoio da personagem Cleomar (bloco 2).....	48
Figura 16 – Pesquisadora Adryane Gorayeb fala sobre o cenário da chegada dos parques eólicos no Brasil (bloco 3).....	48
Figura 17 – Imagem de arquivo das máquinas destruindo as dunas durante a instalação do parque (bloco 4).....	49
Figura 18 – Animação de crianças na época da chegada do parque (bloco 4).....	49
Figura 19 – Imagem de apoio de Cleomar falando sobre as barreiras para chegar até o cemitério do Cumbe (bloco 5).....	50
Figura 20 – Imagem de abertura da segunda parte do bloco 5, que aborda o conflito interno entre os moradores por conta do parque eólico (bloco 5).....	50
Figura 21 – Animação de uma moradora da comunidade grávida (bloco 6).....	51
Figura 22 – Imagem de abertura do bloco 8 (bloco 8).....	51
Figura 23 – Ana Mara, moradora de 13 anos da comunidade e filha de uma das lideranças comunitária, fala sobre as perspectivas de futuro no Cumbe (bloco 9).....	52
Figura 24 – Imagem de apoio de João do Cumbe e Cleomar Ribeiro na associação. (bloco 9)....	52
Figura 25 – Tipografia: “Very Simple Chalk.....	53
Figura 26 – Tipografia: “Crayon Hand”.....	54

Figura 27 – Paleta de cores.....	54
Figura 28 – Exemplo de aplicação da paleta de cores no documentário 1.....	55
Figura 29 – Exemplo de aplicação da paleta de cores no documentário 2.....	55
Figura 30 – Exemplo de aplicação da paleta de cores no documentário 3.....	56
Figura 31 – Exemplo de aplicação da paleta de cores no documentário 4.....	56
Figura 32 – Exemplo de aplicação de animação no documentário 1.....	57
Figura 33 – Exemplo de aplicação de animação no documentário 2.....	58
Figura 34 – Exemplo de aplicação de grafismo.....	58
Figura 35 – Cena da vinheta de abertura.....	59
Figura 36 – Compositor Wesdley Vasconcelos em estúdio durante a composição da trilha sonora..	

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>2 OBJETO.....</b>	<b>22</b>
<b>3 OBJETIVOS.....</b>	<b>23</b>
3.1 Objetivo geral.....	23
3.2 Objetivos específicos.....	23
<b>4 PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
<b>5 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>25</b>
<b>6. CONTEXTO.....</b>	<b>25</b>
6.1 Histórico da implantação dos parques eólicos no Brasil.....	25
6.2 Histórico de impactos socioambientais no Quilombo do Cumbe.....	27
6.3. Corrida das eólicas no mar (offshore).....	29
6.3. Resistência e afirmação da identidade quilombola.....	30
<b>7 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>31</b>
7.1 Jornalismo de defesa (advocacy journalism).....	31
7.2 Racismo ambiental.....	32
<b>8 METODOLOGIA.....</b>	<b>33</b>
8.1 Abordagem documental.....	33
8.2 Produção.....	33
8.2 Visitas e gravações no Cumbe.....	35
8.2.1 Primeira ida a campo: 10 de junho de 2023.....	35
8.2.2 Segunda ida a campo: 09 e 10 de setembro de 2023.....	37
8.2.3 Terceira ida a campo: 21 e 22 de outubro de 2023.....	39
8.3 Aspectos técnicos.....	42
8.3.1 Armazenamento.....	42
<b>9 APURAÇÃO.....</b>	<b>42</b>
9.1 Fontes.....	42
9.2 Locais das entrevistas.....	43
9.3 Imagens de apoio.....	45
<b>10 ESTRUTURA DO ROTEIRO.....</b>	<b>45</b>
<b>11 EDIÇÃO/PÓS-PRODUÇÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>12 IDENTIDADE VISUAL.....</b>	<b>53</b>
12.1 Tipografia.....	53
12.2 Paleta de cores.....	54
12.3 Animações e grafismos.....	56
12.4 Vinheta.....	59

<b>13 FOTOGRAFIA.....</b>	<b>59</b>
<b>14 TRILHA SONORA.....</b>	<b>60</b>
<b>15 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>16 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE A - PAUTA.....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE B - CRONOGRAMA DE GRAVAÇÕES DA TERCEIRA VISITA AO CUMBE (21 E 22/10/2023).....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO A - MAPA DOS CONFLITOS DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO CUMBE/CE.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO B - MAPA DE RESIDÊNCIAS DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO CUMBE/CE.....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO C - MAPA DE SISTEMAS AMBIENTAIS DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO CUMBE/CE.....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO D - MAPA DA RELAÇÃO DOS QUILOMBOLAS COM OS CORPOS HÍDRICOS.....</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em um esforço jornalístico para observar a situação da implantação dos parques eólicos no litoral cearense, estivemos absortos em pesquisas sobre a matriz e seu impacto socioambiental para as populações locais, povos tradicionais e para a população do estado do Ceará como um todo. A ideia por trás das energias renováveis, também conhecidas como “energias limpas”, está fundamentada no emprego direto ou indireto de fontes de energia que, quando adequadamente planejadas e aplicadas, resultam em efeitos ambientais menos impactantes (DUTRA; MARQUES, 2014 *apud* OLIVEIRA; VILARINHO; MARQUES, 2023).

É importante salientar, logo no início, que, apesar de carregar o selo de energia “limpa”, a energia eólica e sua implantação no Estado vão além do argumento de que uma energia limpa é a que é livre da emissão de gases do efeito estufa para a atmosfera. Nesse sentido, os impactos ambientais causados por parques eólicos, localizados em campos de dunas e outros sistemas ambientais costeiros, criam conflitos que acabam negando o acesso aos recursos que sustentam os meios de subsistência e as identidades culturais das comunidades tradicionais. (BRANNSTROM; GORAYEB; LOUREIRO; MENDES, 2019).

O olhar jornalístico entra exatamente na parte em que nos deparamos com comunidades invisibilizadas que, por vezes, nem ao menos constam nos relatórios de impacto socioambiental das empresas que estão à frente desses empreendimentos ou participam dos processos de planejamento e alocação dos projetos. Essas comunidades podem não estar oficialmente indicadas nos mapas e GPS, mas existem na realidade prática e suas histórias reverberam em toda a região, causando revolta quando um elemento alheio ao local chega e altera diretamente as dinâmicas de relação com o ambiente, rotina, formas de lazer e modos de vida tradicionais.

Os locais que se encontram em uma zona de instauração de um desses parques se amparam na força sindical e na própria lei que, ainda em 1988, previu a Política Nacional de Gerenciamento Costeiro. Por meio dessa peça, que foi sancionada pelo então presidente do Brasil à época, José Sarney, as atividades e usos na zona costeira passaram a prever o zoneamento de, entre outras coisas, monumentos que integrem o patrimônio natural, históricos, paleontológico, espeleológicos, arqueológico, étnico, cultural e paisagístico.

As consequências do desrespeito a essa norma incluem prejuízos tanto físicos, no ecossistema, como no crescimento da erosão costeira; alterações na qualidade de aquíferos

dunares e supressão de habitats quanto socioambientais, que são os que iremos focar neste trabalho, como as alterações na paisagem e nas rotinas humanas que são desenvolvidas no local (MEIRELES, 2012).

Em contrapartida, mesmo com os impactos sociais negativos da implantação dessa matriz, o olhar jornalístico nos mostra a necessidade de expor seus benefícios junto ao potencial dos litorais brasileiros e, sobretudo, os nordestinos, para que os parques eólicos, aos poucos, ocupem o lugar das termelétricas e hidrelétricas, efetivando a transição energética cuja necessidade urge no cenário de emergência climática.

Desde o início do século XX, o Brasil começou a investir na energia dos ventos e na pesquisa que envolve sua instalação, tornando-se um dos líderes globais no tema (GORAYEB; BRANNSTROM, 2019). Segundo dados da Associação Brasileira de Energia Eólica (ABEEólica), o potencial de geração de energia eólica no Brasil pode chegar aos 500 gigawatts, valor que poderia atender o triplo da demanda atual de energia. Para se ter uma ideia, se todas as principais fontes de energia em vigor fossem somadas – hidrelétrica, termelétrica, eólica, solar – a capacidade ficaria apenas em torno dos 160 gigawatts de energia.

O ano de 2021, em que o último relatório anual de energia dos ventos da ABEEólica foi lançado, foi recorde em instalações de nova capacidade eólica. Os dados presentes no documento informam que 110 novos parques eólicos e 1 parque foram revogados, num total de 3,83 GW de nova capacidade e 10 MW de capacidade revogada. Ao todo, 795 usinas e 21,57 GW de potência eólica foram instaladas, o que representou um crescimento de 21,53% de potência em relação a dezembro de 2020. Só no Nordeste, de 2020 para 2021, houve um crescimento de 34% na produção de energia eólica, o que superou a porcentagem dos demais Estados; e, nesse contexto, o Ceará ocupa a quinta posição da lista de Estados brasileiros que mais tiveram registros de instalações eólicas, ficando atrás do Rio Grande do Norte, Bahia, Paraíba e Piauí.

No mesmo relatório, há uma sessão que cita benefícios socioambientais da instalação da matriz, que incluem geração de renda e melhoria de vida para proprietários de terra; melhores custo-benefício na tarifa de energia; zero emissão de gás carbônico; capacitação de mão de obra, entre outros. Além disso, o documento cita uma análise feita por uma empresa chamada GO Associados que atesta o crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e do Produto Interno Bruto (PIB) dos municípios que receberam parques eólicos.

Quando partimos para a prática, no entanto, há uma rejeição das populações tradicionais quanto aos projetos eólicos. Essa rejeição se dá por causa dos impactos que geram conflitos permanentes, ou seja, desentendimentos entre a comunidade e os responsáveis pelo empreendimento que não são solucionados nem com a existência de mecanismos mitigatórios, como é o caso do que ocorreu na comunidade quilombola do Cumbe, no município de Aracati, no Ceará (CHAVES, 2019).

No caso do Cumbe, o conflito prolongou-se bem depois do fechamento da estrada, em 2009, que ocorreu durante a fase de construção. Por quê? Entendemos que as relações da comunidade com as dunas, lagoas interdunares e o mar, interpretada pelas questões imutabilidade, solidariedade, imposição e lugar (*place*), criaram um conflito permanente de resolução difícil, mesmo após a existência de medidas compensatórias. (CHAVES, 2019).

Dentro do universo de luta entre comunidades litorâneas, empresas e Estado pelo “controle dos ventos”, destacamos a existência das consequências sociais e físicas que envolvem a instalação de um parque eólico e, a partir disso, cinco motivos que justificam a rejeição ou oposição à energia eólica.

Segundo Pasqualetti (2011 *apud* CHAVES, 2019), várias características geográfico-paisagísticas podem justificar a rejeição à energia eólica por parte das comunidades tradicionais que residem nos pontos em que os parques foram instalados. São elas: a imobilidade, a imutabilidade, a solidariedade, a imposição e o lugar (*place*). De acordo com a análise de Chaves (2019), esses elementos são os elementos suficientes para abordar as relações afetivas que os residentes locais mantinham.

A energia eólica, no Cumbe, acabou não se conciliando com os aspectos naturais, culturais e sociais da comunidade, o que a relaciona com a imobilidade. Na imutabilidade, percebemos que as pessoas não se adaptaram a essas mudanças, portanto resistem até os dias atuais, o que se relaciona a imutabilidade. Nesse processo, as relações comunitárias também foram lesadas, chegando ao ponto de gerar discórdia entre os moradores da região, o que se relaciona ao tópico da solidariedade. Um outro aspecto foi a população, que não está envolvida no projeto eólico e que não recebe nenhum tipo de rendimento ou benefício (imposição). Por último, as relações afetivas com o local (*place*) foram comprometidas (CHAVES, 2019).

## 2 OBJETO

No contexto dos conflitos socioambientais que se desenrolam em comunidades tradicionais costeiras em decorrência da instalação de parques eólicos no Ceará, o presente trabalho busca abordar os impactos vivenciados pelos residentes da comunidade quilombola do Cumbe, localizada no município de Aracati, litoral leste do Ceará. A escolha dessa comunidade para o documentário foi motivada pela instalação, em 2008, de um parque de energia eólica com 67 torres de aerogeradores, que tornou-se foco de diversos conflitos associados à interferências na mobilidade pelos campos de dunas, soterramentos e privatização das lagoas interdunares, ampliação dos conflitos internos, alteração da paisagem estética, modificação das atividades de subsistência e alteração dos espaços de lazer (LIMA, 2008; MEIRELES, 2011; BROWN, 2011; PINTO *et al.*; 2014).

Ainda pouco estudado, um desses impactos se refere ao abandono de crianças que nascem de relações entre moradoras da comunidade com trabalhadores temporários do parque eólico. Segundo Araújo & Meireles (2019), a maior parte desses trabalhadores são homens entre 19 e 25 anos que residem temporariamente em comunidades próximas às regiões de construção e que se relacionam com jovens dessas comunidades, gerando crianças que são denominadas pelos locais de “filhos do vento”. O nome é cunhado em referência aos casos em que os trabalhadores temporários não assumem a paternidade e voltam para suas cidades de origem. Além do abandono, moradores dessas comunidades relatam sobrecargas nos sistemas de saúde, segurança pública e educação. Bem como aumento em problemas sociais como o uso de drogas, gravidezes indesejadas e exploração sexual.

Outro aspecto que se destaca é o cenário atual da especulação sobre a instalação de parques eólicos offshore no Brasil, com a costa cearense como um dos principais pontos potenciais para alocação desses empreendimentos, principalmente com o interesse do governo do Ceará na geração do chamado hidrogênio verde (H2V) a partir dessas usinas. Degradadas com as transformações impostas pelas eólicas em terra (*onshore*), as comunidades pesqueiras tradicionais reivindicam que sejam consideradas e temem que os impactos dessa modalidade aprofundem os conflitos já existentes.

Em face das adversidades enfrentadas pela comunidade, o documentário apresenta as estratégias de resistência e afirmação cultural que conferem um tom de esperança à narrativa.

Duas delas são destacadas: as festas tradicionais, com destaque para a Festa do Mangue, e a prática do turismo comunitário, que busca valorizar o território como detentor de saberes, locais de memória e fonte de renda para os moradores.

Observando essa realidade, buscamos falar sobre esses impactos de uma forma clara no documentário, objetivando chamar a atenção para esse tipo de impacto social que não é tido como prioridade em documentos que são analisados por órgãos estaduais para o licenciamento ambiental desses parques.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Produzir um documentário longa metragem que destaque e explique os impactos socioambientais, com foco no social, da instalação de parques eólicos no Ceará e na comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Mostrar os impactos socioambientais da implantação de parques eólicos no Ceará, focando no dia a dia das pessoas que moram em comunidades próximas a esses parques;
- Trazer a visão de líderes comunitários sobre esses impactos, bem como a de órgãos públicos e ONGs que atuam no local;
- Mostrar como essas pessoas, bem como toda a comunidade, foram afetadas(os) pela construção do parque e pela vinda dos funcionários;
- Trazer um panorama desses impactos ambientais e sociais com foco nos chamados “filhos do vento”, crianças filhas de trabalhadores de fora que vem trabalhar na construção dessas usinas com moradoras locais;
- Mostrar quais as consequências desse impacto social acarretado pela construção do parque à vida dessas crianças e à vida de suas mães;
- Trazer dados (quantitativos e qualitativos) sobre as alterações nos modos de vida da comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati.

#### 4 PROBLEMA DE PESQUISA

A grande pergunta que originou esse documentário foi “quem são os filhos do vento?”. Ao longo de nossa pesquisa, descobrimos pouquíssimas informações a respeito dessas crianças e nos inquietamos ao perceber o quanto os impactos socioambientais da instalação de parques eólicos foram estudados e, em nenhum desses estudos, houve um tópico específico para esse tipo de relação.

Há, também, um silenciamento por parte das próprias mães dessas crianças (CAMURÇA, 2018), que optam por não falar a respeito e não denunciar a situação à empresa e ao Estado. Também buscamos saber o porquê. O referido impacto, apesar de específico, faz parte de uma realidade mais complexa, que atinge não apenas comunidades tradicionais próximas a parques eólicos.

No que se refere a esse tipo de empreendimento eólico, relatórios de impacto socioambiental são requeridos para sua instalação. Eles são chamados de Relatório Ambiental Simplificado (RAS) e Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA). O primeiro foi aprovado pelo Governo em 2001, quando o País enfrentava uma crise energética e buscava soluções emergenciais para tal, e trata-se de um documento que apresenta uma análise de um território visado para a instalação de um empreendimento de uma forma mais simplificada, como indica seu nome.

Já os EIA/RIMAs são documentos que avaliam territórios para licenciamento ambiental de uma forma mais complexa, com estudos aprofundados dos impactos que o empreendimento desejado venha a causar no meio ambiente. O que comprovamos ao longo de nossa pesquisa foi que, mesmo com a obrigação de detalhamento dos impactos sociais, as empresas responsáveis pelas construções dos parques não estipulam maneiras preventivas à permanência desses trabalhadores nas comunidades próximas ao empreendimento.

Com base nessa rede de desigualdades, o Estado legitima a exploração e expropriação das mulheres negras, por exemplo, nos processos de licenciamento ambiental. Nos Estudos de Impactos Ambientais/Relatórios de Impactos Ambientais (EIA/Rima) os territórios demandados - zona de sacrifícios – pelas corporações/empresários para implantação dos empreendimentos eólicos quase sempre são invisibilizados, não aparecendo nos mapas. Também, observa-se uma sobreposição dos impactos ambientais sobre os impactos sociais. Parece haver uma importância “maior” da dimensão ambiental sobre a social nos EIA/RIMA e no imaginário social. Nesse contexto, a violação de direitos e os impactos sobre a vida e modo de produzir das mulheres são ocultados, de

forma geral. Quase aparecem se dão a partir de indicadores como “aumento do índice de violência e prostituição” (nível 1) e de “aumento da incidência de AIDS e DSTs” (nível 2) indicados na etapa de implementação do empreendimento. Porém, sem indicar plano ou programa de enfrentamento a esses impactos, como se verifica no caso de parte dos impactos ambientais. (CAMURÇA, 2018).

## **5 JUSTIFICATIVA**

Ao elucidar os conflitos socioambientais decorrentes da implantação e operação do parque eólico no Cumbe, com ênfase nos impactos sobre a dinâmica das relações sociais da comunidade, especialmente no que concerne aos denominados "filhos do vento", a presente proposta encontra respaldo na escassez de pesquisas e materiais dedicados a essa temática. Destaca-se que a maioria dos estudos aborda tangencialmente essa questão, inserindo-a muito brevemente entre os diversos impactos vivenciados no território.

Num contexto em que as comunidades tradicionais da costa cearense veem suas formas de subsistência mais uma vez ameaçadas pela possível implementação de usinas offshore, sem que as demandas pela consideração adequada de seus modos de vida tradicionais sejam contempladas no planejamento desses empreendimentos, o documentário se configura como um instrumento crucial para fortalecer as reivindicações por justiça ambiental, restauração e políticas compensatórias direcionadas às comunidades tradicionais do Ceará e do Brasil.

## **6. CONTEXTO**

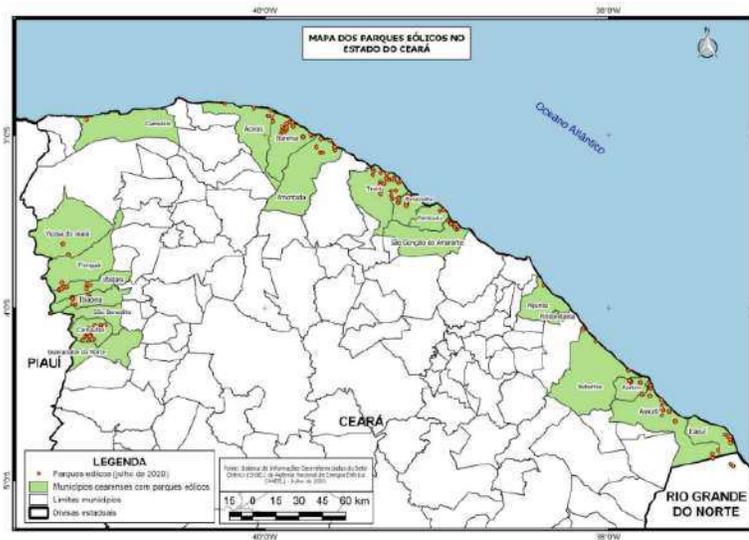
### **6.1 Histórico da implantação dos parques eólicos no Brasil**

A implementação dos parques de energia eólica no Brasil tem seu histórico no discurso ambiental em prol do uso de fontes de energia renováveis para a redução de emissão dos gases de efeito estufa e a necessidade de diversificar a matriz energética brasileira, principalmente em meio à crise energética ocorrida em 2001. Conhecida como “apagão”, ela motivou uma série de medidas, por parte do governo federal, para estimular o investimento em projetos eólicas e aproveitamento de determinadas regiões do País para a produção de eletricidade a partir de fonte eólica, dentre essas regiões, destaca-se o litoral do Nordeste (BRASIL, 2001a).

Com a crise energética que afetou o Brasil em 2001, uma série de medidas foram adotadas pelo Governo Federal, dentre elas o licenciamento ambiental simplificado para empreendimentos do setor elétrico, pela Resolução nº 279 de 27 de julho de 2001 do CONAMA, e a criação do Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (PROINFA), por meio da Lei n. 10.438, de 26 de abril de 2002, e do Programa de Desenvolvimento da Cadeia Produtiva Geradora de Energia Eólica (PROEÓLICA), por meio do Decreto nº 27.951, de 10 de outubro de 2005. Tais medidas promoveram a implantação de dezenas de parques eólicos no Ceará nos anos seguintes, tendo o mercado de energia uma regulação do Governo Federal por meio de leilões periódicos, onde os participantes concorrem pelo preço tarifário mínimo (SOUZA, 2020).

Em agosto de 2020, segundo o portal do Sistema de Informações de Geração da ANEEL (SIGA), da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), o número de parques eólicos em operação no Ceará era de 83; 10 parques eólicos em construção e outros 9 com a construção não iniciada, além de 13 pequenas centrais eólicas (Mapa 1) (SOUZA, 2020).

Mapa 1 - Localização dos parques eólicos no Estado do Ceará (Julho de 2020)



Fonte: Wallason Farias

A predominância dos parques eólicos instalados no estado do Ceará até o ano de 2020, conforme destacado em verde no Mapa 1, concentra-se na zona costeira, uma escolha motivada pela intensidade e frequência dos ventos na região. Esses parques ocupam predominantemente áreas de dunas, tanto fixas quanto móveis, bem como praias e planícies fluviomarinhas. É relevante salientar que parte dessas áreas apresenta baixa segurança fundiária, sendo ocupadas por indivíduos reconhecidos como "posseiros de boa-fé" e por comunidades tradicionais que não

detêm a propriedade formal registrada. Adicionalmente, algumas áreas situam-se em terrenos de domínio da União, o que pode resultar em facilitações e redução de custos financeiros para as empresas e investidores envolvidos. Somente em um contexto recente, observa-se um processo de interiorização desses parques eólicos, conforme destacado por Brannstrom et al. (2018 *apud* SOUZA, 2020).

Nesse contexto, observa-se que a instalação e manutenção dos parques eólicos no Ceará tem motivado uma série de conflitos socioambientais no litoral cearense.

A instalação de parques eólicos na zona costeira do Estado do Ceará tem originado danos socioambientais provocados pelas obras de engenharia que promovem a fixação artificial das areias, danos aos sítios arqueológicos e privatização de sistemas ambientais e territórios de uso comunitário. Tais danos comprometem os fluxos naturais de matéria e energia da zona costeira e ainda impactam diretamente o modo de vida de comunidades tradicionais litorâneas que têm relações socioeconômicas vinculadas ao uso “ancestral e sustentável” desses ambientes. Verifica-se na literatura sugestões de alternativas locais para instalação dos parques, com destaque para áreas mais interiores em ambientes mais estáveis do ponto de vista físico-ambiental, o tabuleiro pré-litorâneo, além de uma estrutura fundiária melhor definida (MEIRELES 2011; MEIRELES et al., 2013; MEIRELES et al., 2015; MENDES et al., 2015; VIANA et al., 2016; GORAYEB et al., 2016; GORAYEB e BRANNSTROM, 2016; GORAYEB et al., 2016b; LOUREIRO et al., 2016; BRANNSTROM et al., 2017 *apud* SOUZA, 2020).

## 6.2 Histórico de impactos socioambientais no Quilombo do Cumbe

A comunidade quilombola do Cumbe fica localizada a pouco mais de 8,9 km do município de Aracati, no litoral leste do Ceará. Lá residem aproximadamente 180 famílias, em um território que é conhecido por sua história, relevância geográfica e riqueza arqueológica (RAMIREZ; GORAYEB; NASCIMENTO, 2023). “Já no século XVIII, situava-se numa região onde era considerada um dos principais povoados no município produtor de cana-de-açúcar, sopé dos morros, e pela quantidade de engenhos que trabalhavam na produção da cachaça, rapadura e açúcar mascavo”. (LIMA, 1979 *apud* NASCIMENTO; COSTA LIMA, 2017). O Cumbe é a última comunidade da margem direita do rio Jaguaribe, cercada pela presença do manguezal, rio, dunas e pelo mar. As principais atividades de sobrevivência desenvolvidas pelos moradores consistem na pesca artesanal no mar e no rio, coleta de mariscos, agricultura, criação de animais, comércio local e benefícios sociais.

Desde muito cedo o Cumbe sentiu o peso de sua importância com a chegada de grandes atividades econômicas, que tomaram posse de um território que já era ocupado. Na década de

1970, a Companhia de Água e Esgoto do Estado do Ceará (Cagece) chegou ao local para explorar e privatizar as águas provindas de aquíferos interdunares. A partir desse momento, a água do local foi levada ao município de Aracati e os residentes da comunidade quilombola, que usufruem da água livremente, passaram a pagar por ela.

A partir dos anos 90, chega um outro projeto econômico à comunidade: a carcinicultura. Grandes produtores de camarão em cativeiro cercam o local com grandes tanques a céu aberto e expulsam da área de manguezal os nativos que trabalham com a cata do caranguejo.

A chegada da energia eólica vem depois, nos anos 2000, trazendo promessas de desenvolvimento econômico e um caminho para um futuro sustentável. Além de alterações na paisagem, a nova atividade fez com que disputas complexas entre os próprios moradores surgissem, afetou os modos de lazer, o patrimônio cultural e o desenvolvimento sustentável (RAMIREZ; GORAYEB; NASCIMENTO, 2023).

Com a construção dos parques eólicos no campo de dunas<sup>1</sup> entre os anos 2007-2009, sítios arqueológicos foram destruídos e, durante a obra, moradores e integrantes da Associação Quilombola do Cumbe, ativistas e militantes estiveram reunidos para fechar a estrada principal, que dá acesso ao campo de dunas. A movimentação aconteceu no ano de 2009 e a estrada ficou fechada por um total de 19 dias, marcando o histórico de lutas contra o empreendimento eólico na região.

Em resposta a esse fechamento, a empresa responsável pela construção à época, a Bons Ventos Geradora de Energia, prometeu uma série de ações compensatórias que foram redigidas pelos próprios moradores do Cumbe. Em entrevista ao jornal Diário do Nordeste em 2012, o então diretor da empresa, Luiz Eduardo Moraes, refletiu sobre os esforços para mitigar os impactos na comunidade:

Seis meses antes de iniciarmos o empreendimento, começamos a dialogar, não só com a comunidade do Cumbe, onde o parque seria instalado, mas com os moradores do seu entorno, por onde passariam as linhas de transmissão. Reconhecemos o impacto durante a fase de implantação. O movimento dos caminhões transportando o material causou poeira, barulho e perfurações. Entretanto, procuramos minimizar esses problemas. Para

---

<sup>1</sup> De acordo com o artigo 3, parágrafo 3, inciso I, da resolução Conama nº 462, de 24 de julho de 2014, que estabelece procedimentos para o licenciamento ambiental de empreendimentos de geração de energia elétrica onshore: “Não será considerado de baixo impacto, exigindo a apresentação de Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), além de audiências públicas, nos termos da legislação vigente, os empreendimentos eólicos que estejam localizados: em formações dunares, planícies fluviais e de deflação, mangues e demais áreas úmidas”.

se ter uma ideia, tínhamos nossa própria equipe de fiscalização para acompanhar os fornecedores, fazendo com que alguns possíveis danos fossem evitados previamente. (Diário do Nordeste, 2012).

Um historiador e defensor dos direitos humanos<sup>2</sup>, que é nativo do Cumbe, comentou no livro “Ventos da Mudança”, lançado neste ano de 2023 pelo também historiador e líder comunitário João Luís Joventino do Nascimento<sup>3</sup> e pela professora do departamento de geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Adryane Gorayeb, que, para a magnitude do empreendimento eólico que chegava à comunidade em 2007, um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) deveria ter sido feito, no entanto, a empresa responsável driblou essa exigência.

Ao todo, 67 aerogeradores foram instalados no campo de dunas no Cumbe, sendo separados entre três parques. Segundo o historiador, essa foi a estratégia adotada pela empresa para que os impactos cumulativos fossem vistos com menos preocupação. Para que o empreendimento fosse aprovado, apenas um Relatório Ambiental Simplificado (RAS) foi apresentado. Nesse documento, o nome da comunidade quilombola nem ao menos é citado, deixando claro que a construção seria em Canoa Quebrada, principal destino turístico da região.

Anos depois, os rastros das mudanças provocadas na comunidade pelo parque seguem afetando a vida de quem mora nela. Atualmente, as principais pautas de resistência que são sustentadas pela Associação Quilombola do Cumbe são relacionadas a ações de mitigação dos danos ao território e à comunidade, bem como ações de prevenção para que novos empreendimentos não venham a se instalar.

Um outro tópico recorrente na lista de pautas da Associação é a regularização fundiária do território, que foi reconhecido como quilombo oficial pela Fundação Palmares apenas em 2014. A regularização é pré-requisito para o reconhecimento legal pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Infelizmente, com a comunidade cercada por atividades econômicas que são apoiadas por grandes empresários, a previsão para que essa regularização aconteça não é nada animadora.

### **6.3. Corrida das eólicas no mar (*offshore*)**

---

<sup>2</sup> Os nomes de todos os entrevistados para o referido artigo foram modificados para assegurar suas privacidades.

<sup>3</sup> Mais conhecido por “João do Cumbe”.

Ademais, contextualizamos a atual corrida pela implementação de parques eólicos offshore, que vem obtendo notoriedade devido à mobilização por parte dos investidores e ao esforço do Governo do Ceará em viabilizar esses empreendimentos, considerando o potencial de produção do denominado hidrogênio verde (H2V).

Em novembro de 2020, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) emitiu um Termo de Referência para orientar os estudos de impacto ambiental de projetos de energia eólica offshore. Anteriormente, poucos projetos estavam registrados no órgão. Após a divulgação desse documento, o número de projetos cadastrados aumentou para 78 até setembro de 2023. Somente na costa cearense, estima-se a instalação de 3.921 turbinas eólicas, com capacidade de gerar mais de 56 GW de energia.

A aceleração desse processo suscita preocupações entre pesquisadores, notadamente devido à ausência, no Brasil, de um Planejamento Espacial Marinho – um mapeamento do espaço marinho destinado a identificar potencialidades ambientais, sociais e econômicas, além de gerenciar diversas atividades e recursos, como produção de petróleo e gás, energias renováveis, transporte marítimo, unidades de conservação, pesca e aquicultura.

Desiludidas com os conflitos provocados pelas instalações eólicas em terra, as comunidades costeiras temem que a chegada das turbinas no mar aprofunde ainda mais essas disputas e tenha impactos irreversíveis nas atividades relacionadas à pesca artesanal. Diante disso, torna-se premente a consideração de estratégias e políticas que visem à mitigação de possíveis impactos sociais e ambientais, assegurando um desenvolvimento sustentável e equitativo no contexto da expansão da energia eólica offshore.

### **6.3. Resistência e afirmação da identidade quilombola**

Diante de todas essas adversidades, o documentário adquire um tom de otimismo ao destacar as estratégias de resistência e reafirmação da identidade quilombola no Cumbe. Duas iniciativas principais merecem destaque: a realização da Festa do Mangue, um festival promovido pela Associação Quilombola que reúne anualmente centenas de visitantes em atividades voltadas para a conscientização e defesa das práticas e tradições culturais.

A segunda é o turismo comunitário, compreendendo a oferta de serviços que abrangem hospedagem, alimentação, passeios de barco e trilhas pelo manguezal e campo de dunas. Ambas

as ações têm como finalidade a concepção do território como um "museu a céu aberto", visando a preservação dos modos de vida tradicionais.

## 7 REFERENCIAL TEÓRICO

Para embasar e guiar a nossa pesquisa, utilizamos, sobretudo, o conceito de jornalismo de defesa ou “*advocacy journalism*”, além de alguns conceitos apresentados a nós por nossos próprios entrevistados ao longo da jornada de produção.

### 7.1 Jornalismo de defesa (*advocacy journalism*)

De acordo com Morris Janowitz (1975 *apud* WAISBORD, 2009), o *advocacy journalism* ou jornalismo de defesa atribui aos jornalistas o papel de intérpretes e participantes ativos que “falam em nome” de certos grupos, normalmente grupos mais vulneráveis, nos meios de comunicação social.

Os jornalistas são representantes de interesses específicos e são motivados pelo desejo de corrigir os desequilíbrios de poder na sociedade. São guiados por um “impulso reformista” para promover perspectivas que são tipicamente sub ou mal representadas nos meios de comunicação social. O jornalismo de defesa de direitos é o oposto do modelo “*gatekeeper*”, a noção de jornalismo profissional guiado pelos ideais de objetividade e serviço público. (WAISBORD, 2009, tradução nossa).

Apesar de ter sua origem associada à defesa de atores e partidos políticos, o jornalismo de defesa passa a ter espaço na comunicação de ideais de grupos marginalizados no Sul do Globo a partir do momento em que o fim de regimes ditatoriais propiciou a abertura de oportunidades para a redefinição de normas jornalísticas (WAISBORD, 2009)

Muito embora o governo e o poder financeiro privado ainda continuem “ditando” as regras da grande mídia, o acesso à informação se tornou mais popularizado com a chegada de novos dispositivos midiáticos e de novas formas de fazer jornalismo. O crescimento de veículos independentes é uma delas. Além disso, a própria movimentação de coletivos que buscam disseminar informações sobre tópicos diversos traz mais pontos de vistas a serem assimilados pelos leitores e espectadores. É o que Silvio Waisbord (2009) chama de modelo cívico de jornalismo.

O recente crescimento do modelo “cívico” de jornalismo de defesa de direitos tem sido significativo. Ao contrário do modelo “jornalista” que expressa os interesses políticos dos jornalistas, o modelo “cívico” representa esforços de defesa de grupos cívicos que promovem a mudança social. Através do jornalismo de defesa de direitos, grupos que tradicionalmente têm tido acesso limitado aos meios de comunicação social pretendem aumentar a sensibilização e fornecer informações, e influenciar a opinião pública e os debates políticos. O jornalismo de defesa cívica é movido pela noção de que os meios de comunicação social devem ser uma ferramenta de mudança social. Dado que a imprensa contribui tanto para a sensibilização do público como para a definição de prioridades e agendas políticas, os intervenientes cívicos pretendem moldar a cobertura noticiosa. (WAISBORD, 2009, tradução nossa).

A partir dessa lógica, buscamos esses grupos para conhecer e aumentar o poder de disseminação dessas informações no meio acadêmico e social.

## 7.2 Racismo ambiental

Observando a realidade em que conflitos que atingem grupos de minorias, como mulheres, negros e quilombolas, a exemplo de nosso objeto de estudo, inserimos também nesse cenário o racismo ambiental<sup>4</sup>, que se constrói a partir de situações em que as desigualdades e injustiças ambientais não são distribuídas da mesma forma para todas as pessoas (ACSELRAD, 2009 *apud* CAMURÇA, 2018).

Sob essa ótica, apresentamos personagens que fazem, em sua maioria, parte desses grupos minoritários e que provaram durante toda a sua vida o amargor das desigualdades que afetam diretamente comunidades tradicionais costeiras. Com ênfase nas mulheres, buscamos trazer à tona o impacto dos “filhos do vento” que, apesar de serem conhecidos pelos locais, não são amplamente discutidos pelas autoridades responsáveis e pelos responsáveis pelos grandes empreendimentos que os causam.

Segundo Camurça (2018), esse contexto de luta é visto a partir do momento em que os grupos minoritários se unem para ir contra os avanços de atividades que os cercam. “É a partir do cotidiano das mulheres, dos conflitos e impactos sentidos que elas ‘sinalizam em escala global a voracidade da economia mundializada sobre a natureza’, os impactos sobre suas vidas e nos territórios” (BARCELLOS, 2013 *apud* CAMURÇA, 2018).

---

<sup>4</sup> Esse termo foi cunhado a partir da denúncia do movimento negro norte-americano que denunciou, na década de 1982, a alocação de lixo tóxico em Afton, Carolina do Norte, no EUA, território de população negra (ACSELRAD, 2009 *apud* CAMURÇA, 2018)

Esse processo pôde ser bem observado no Cumbe, quando os líderes comunitários reuniram apoiadores dentro da própria comunidade para fechar a estrada de acesso ao parque eólico.

## **8 METODOLOGIA**

Nesta seção, são abordadas as considerações relativas à elaboração do documentário, desde a escolha deste formato como suporte para o trabalho, nas diversas fases de produção e nos aspectos técnicos envolvidos.

### **8.1 Abordagem documental**

O formato utilizado neste trabalho é o documentário audiovisual. O principal foco é apresentar a relação dos moradores da comunidade quilombola do Cumbe com os impactos socioambientais causados pelo parque eólico, articulando elementos da memória e cotidiano dessas pessoas. Aqui, compreende-se que o documentário permite que uma história possa ser compartilhada pelas pessoas que dela participaram, retratando acontecimentos que marcam a atualidade e como estes são refletidos na sociedade contemporânea (OLIVEIRA, 2016).

Segundo Bill Nichols (2005) cada documentário tem seu tipo de voz, e cada voz é como uma marca digital de determinada forma de ver o mundo histórico. Nesse sentido, dentre os seis tipos de vozes do gênero enfatizadas pelo autor (poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e o performático), “Filhos do Vento” pode ser caracterizado, predominantemente, como expositivo.

“Enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa [...] Esse é o modo que a maioria das pessoas identifica com o documentário geral. (*apud* OLIVEIRA, 2016, p.3)

Por utilizar como fio narrativo o cotidiano dos personagens, pode-se dizer que o trabalho também contém elementos do tipo observativo, que “ênfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta [...]” (NICHOLS, 2005).

### **8.2 Produção**

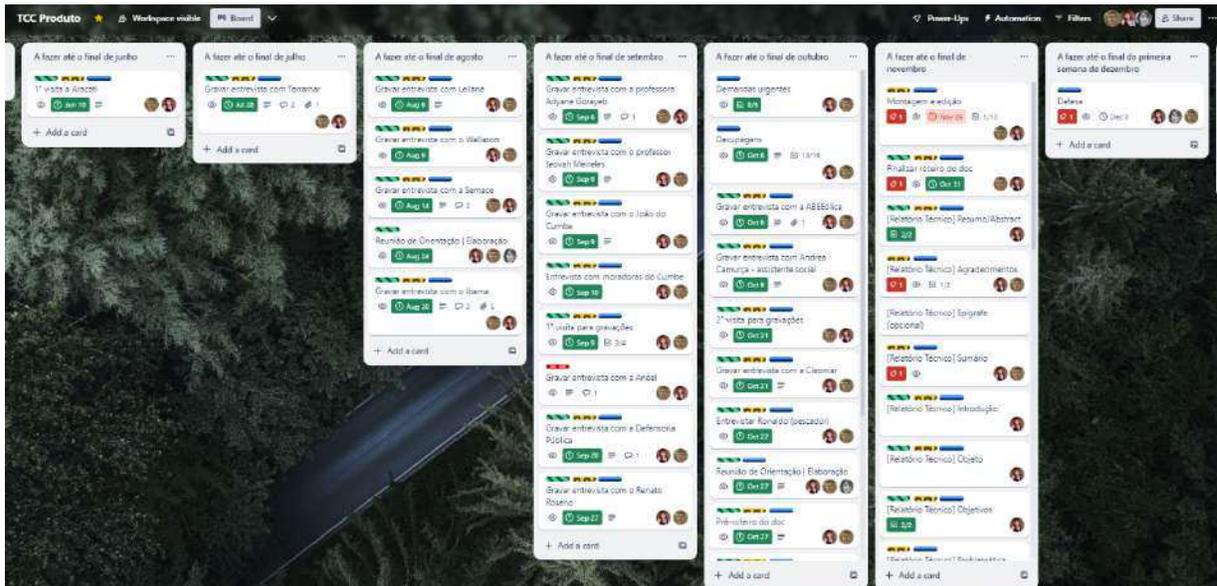
A produção do documentário abrangeu uma série de etapas e processos, desde a concepção do tema, levantamento de referencial teórico, visitas de campo à comunidade do Cumbe, gravação, decupagens, estruturação do roteiro e edição. Cada etapa contou com uma série de micro processos que, por se tratar de um trabalho em dupla, foram compartilhados de acordo com as aptidões dos autores. Para organização do fluxo da produção, utilizamos o Trello, ferramenta de gerenciamento que permite o acompanhamento contínuo das atividades de acordo com os checklists e prazos (Figura ). Abaixo está disposto o cronograma de produção:

Tabela 1 – Cronograma de produção

S/ETAPAS (2023)													DE Z
Levantamento bibliográfico	x	x	x	x									
Revisão de literatura e fichamentos		x	x	x									
Visitas de campo à Aracati					x	x							
Entrevistas							x	x	x	x			
Organização dos dados coletados nas entrevistas									x	x	x		
Organização do roteiro/partes										x	x		
Apresentação do anteprojeto										x			
Entrega do projeto												x	
Redação do relatório										x	x		
Revisão e redação final												x	
Entrega do trabalho à banca												x	
Defesa do trabalho													x

Fonte: Euziane Bastos e Rogério Bié

Figura 1 – Organização das etapas de produção (Trello)



Fonte: Euziane Bastos e Rogério Bié

## 8.2 Visitas e gravações no Cumbe

Uma vez que o escopo do documentário foi delineado para abordar os impactos vivenciados no Cumbe, deu-se início à organização logística para as gravações em campo. Ao todo, foram realizadas três visitas à comunidade, durante as quais ocorreram simultaneamente a coordenação com a Associação Quilombola local e os moradores para viabilizar as filmagens, assim como a captação de entrevistas e imagens de apoio.

Os deslocamentos de ida e volta foram realizados por meio de ônibus, utilizando a linha Fortaleza – Aracati, e transporte local de táxi até o Cumbe. A estadia ocorreu nas residências dos líderes locais, por intermédio da hospedagem proporcionada pelo turismo comunitário.

### 8.2.1 Primeira ida a campo: 10 de junho de 2023

A primeira ida ao Cumbe consistiu no nosso primeiro contato com a comunidade e marcou a apresentação do projeto para as lideranças da Associação Quilombola. No dia, acompanhamos a realização de um passeio guiado ao mangue junto a estudantes de uma escola

de ensino médio de Aracati. Ao final do itinerário, fomos ao parque eólico para mapeamento de locações e enquadramentos para as gravações futuras.

Figura 2 – Chegada ao Cumbe, 10/06/2023



Fonte: arquivo pessoal

Figura 3 – Visita de campo no mangue, 10/06/2023



Fonte: arquivo pessoal

Figura 4 – Visita de campo no mangue, 10/06/2023



Fonte: arquivo pessoal

### ***8.2.2 Segunda ida a campo: 09 e 10 de setembro de 2023***

Com os devidos contatos e permissões para as filmagens estabelecidas, a segunda visita já foi marcada por algumas das principais entrevistas. Na Associação Quilombola, gravamos o depoimento do João do Cumbe, importante liderança comunitária que está à frente da luta contra os impactos do parque eólico desde o início. Ele nos apresentou à estrutura da associação e os arquivos que documentam a memória das décadas de mobilização da comunidade frente aos empreendimentos, incluindo os mapas da comunidade elaborados a partir do trabalho de cartografia social desenvolvidos em parceria com os Laboratório Geoprocessamento e Cartografia Social – LABOCART, da Universidade Federal do Ceará (UFC), e o Grupo de Pesquisa NATERRA, da Universidade Estadual do Ceará (Uece). A entrevista foi seguida da captação de imagens de apoio.

Em seguida, foi o momento de gravar no parque eólico e campos de dunas, com foco na continuação do mapeamento de locações e captação de imagens de apoio dos aerogeradores e placas de aviso sobre os riscos de morte em decorrência de choque elétrico. Um desafio aqui foi exatamente a intensidade dos ventos e forte deslocamento da areia das dunas do momento da gravação. Como o intuito era captar imagens do pôr-do-sol em contraste com o parque, tivemos que ser extremamente ágeis na gravação e o mapeamento de enquadramentos/planos que desenvolvemos durante a última visita foi crucial.

No dia seguinte foi a vez de gravar com Isabel Gonzaga, uma das moradoras mais antigas do Cumbe, sua filha Ana Paula Gonzaga e sua neta, Ana Mara da Silva. Três mulheres e três

gerações da vivência com os conflitos no território. Um fato curioso é que essas entrevistas surgiram de forma espontânea, a partir da visita à residência de Ronaldo Gonzaga, uma das lideranças locais, filho e vizinho de Isabel. As entrevistas foram seguidas da captação de imagens de apoio

Figura 5 – João do Cumbe no parque eólico, 09/09/2023



Fonte: arquivo pessoal

Figura 6 – Gravações no parque eólico, 09/09/2023



Fonte: arquivo pessoal dos autores

Figura 7 – Gravações com Ana Paula, Isabel e Ana Mara, 10/09/2023



Fonte: arquivo pessoal dos autores

### ***8.2.3 Terceira ida a campo: 21 e 22 de outubro de 2023***

A terceira e última expedição teve como propósito concluir a captação de imagens no Cumbe, abarcando tanto as entrevistas quanto as imagens de apoio. Considerando a magnitude da tarefa a ser executada em apenas dois dias, decidimos contar com o auxílio de dois amigos especializados em audiovisual.

As últimas entrevistas a serem registradas, envolvendo as lideranças comunitárias Cleomar Ribeiro e Ronaldo Gonzaga, possuem significativa relevância. Um aspecto que demandou especial atenção no planejamento do cronograma foi o fato de essas entrevistas ocorrerem em múltiplos locais.

Inicialmente, a entrevista com Cleomar ocorreu em sua residência, seguida pela captação de imagens de apoio. Posteriormente, durante a caminhada em direção ao cemitério da comunidade, atravessando o parque eólico, a gravação foi realizada em movimento. Já a entrevista com Ronaldo foi registrada às margens do Rio Jaguaribe, seguida por uma sequência dentro de um barco e no meio do rio.

Durante esses dois dias, intensificamos a coleta de imagens de apoio em diversas localidades, abrangendo o parque eólico, a associação, a residência das fontes, o manguezal, o

rio, o cemitério, o caminho para a praia, os tanques de criação de camarão, a igreja, a escola e a comunidade em geral. Um aspecto crucial que exigiu uma gestão metódica do tempo de filmagem em cada local foi a captura simultânea de imagens terrestres e aéreas. O cronograma desses dois dias, assim como a referência das cenas, está disponibilizado no apêndice 2.

Figura 8 – Gravações com Cleomar Ribeiro, 21/10/2023



Fonte: arquivo pessoal dos autores

Figura 9 – Gravações na Associação Quilombola, 21/10/2023



Fonte: arquivo pessoal dos autores

Figura 10 – Gravações no parque eólico Associação Quilombola, 21 e 22/10/2023



Fonte: arquivo pessoal dos autores

Figura 11 – Gravações com Ronaldo, no Rio Jaguaribe, 22/10/2023



Fonte: arquivo pessoal dos autores

### **8.3 Aspectos técnicos**

Para a captação das imagens do documentário “Filhos do Vento”, tanto as entrevistas como imagens de apoio, foram utilizadas as câmeras SONY a7s ii, com Lente 35mm; Canon EOS Rebel SL2 e Nikon D3000m, ambas lentes 18-55mm. A última foi utilizada tanto na gravação de certos planos principais e alguns planos em ângulos secundários. Para os enquadramentos alternativos, plano detalhe e imagens de apoio, foram usados os celulares modelos Iphone 11 Pro e XR. Nas gravações em condições mais arriscadas, como o parque eólico e o barco no meio do rio, utilizamos a câmera DJI Osmo Action 4K AC001. Para as imagens aéreas, foi usado um drone DJI Mini 2 SE.

Para captação de áudio foi usado 1 (um) microfone de lapela Boya BY-M1. No suporte da câmera e iluminação, usamos 2 (dois) tripés para câmera e 1 (uma) ring light, 1 (um) tripé de luz, 1(um) painel de luz de led e 1 (um) rebatedor.

#### **8.3.1 Armazenamento**

Todo o conteúdo captado, trilha sonora, animações, fotografias, roteiros, materiais de arquivo e referências foi armazenado na nuvem, por meio da plataforma Onedrive, para garantir a segurança e suportar o volume do material bruto.

Ao todo, reunimos mais de 13 horas de conteúdo bruto e um total de 400 GB de material.

## **9 APURAÇÃO**

### **9.1 Fontes**

Para delimitar quem seriam nossas fontes, separamos quem gostaríamos de incluir no produto em 4 (quatro) categorias: líderes comunitários, moradores da comunidade, fontes especializadas e fontes oficiais. Também observamos a questão da pluralidade de gênero e raça ao fazer essas escolhas.

Definimos os quatro líderes comunitários entrevistados (João do Cumbe, Cleomar, Ana Paula e Ronaldo) como nossos “protagonistas”, os narradores do documentário. É com a visão

deles quatro que apresentamos os impactos socioambientais e os filhos do vento, já que não foi possível o contato com nossos personagens.

Também separamos esses quatro protagonistas entre quatro eixos de cobertura da nossa pauta, que são: história e características do Cumbe (João); memórias afetivas e filhos do vento (Cleomar); chegada da eólica no Cumbe (Ana Paula) e divisão da comunidade (Ronaldo). Todos os quatro, em certo ponto, possuem o mesmo direcionamento, mas buscamos dar ênfase nos pontos específicos supracitados ao entrevistarmos cada um.

Além desses líderes, que também são moradores da comunidade, estipulamos uma outra categoria de fonte, que são os que são apenas moradores. É a partir da visão deles que buscamos trazer outros aspectos desses impactos, com foco na memória afetiva de cada um e na faixa temporal em que cada um viveu. As duas fontes que integram essa categoria são Dona Isabel e Ana Mara, que são de gerações diferentes e que vivenciaram momentos diferentes desde a instalação do parque eólico até os dias atuais.

Para as fontes especializadas, buscamos pesquisadores que possuem certo reconhecimento em estudos relacionados ao tema da energia eólica e seus impactos, são eles os geógrafos Adryane Gorayeb, Jeovah Meireles, Wallason Farias e Leilane Chaves, integrantes e ex-integrantes do departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará e do Laboratório de Geoprocessamento e Cartografia Social (Labocart-UFC). E a assistente social Andréa Camurça, que também faz parte do Instituto Terramar, uma de nossas fontes oficiais.

Também optamos por separar cada um deles entre eixos: filhos do vento (Andréa); impactos sociais (Adryane); impactos ambientais físicos (Jeovah); análise de RAS e EIA/RIMA e discurso das empresas (Wallason) e impactos nos meios de lazer e identidade do Cumbe (Leilane).

Por último, também buscamos a voz de fontes oficiais, como representantes de órgãos e organizações ambientais e políticos. Nossas fontes dessa categoria são a Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace); a Assembleia Legislativa do Ceará (Alece); A Associação Brasileira de Energia Eólica e Novas Tecnologias (ABEEólica); o Instituto Terramar e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

## **9.2 Locais das entrevistas**

Os locais das entrevistas foram escolhidos de acordo com o entrevistado. Demos prioridade aos locais de mais familiaridade da fonte. No caso dos nossos entrevistados, o próprio território do Cumbe, com foco na sede da Associação Quilombola e no próprio parque eólico. Além disso, também filmamos as casas de alguns deles.

Para os moradores, demos prioridade às casas dessas pessoas. Já em relação às fontes especializadas, seus locais de trabalho. As imagens das oficiais foram capturadas em seus respectivos órgãos, com exceção daquelas que não pudemos entrevistar pessoalmente.

Tabela 2 – Entrevistas no Cumbe

<b>1. Líderes do Cumbe</b>		
<b>Entrevistado</b>	<b>Descrição</b>	<b>Data e local</b>
João do Cumbe	Quilombola, educador popular ambientalista e historiador	09/09/23 Sede da Associação Quilombola do Cumbe
Cleomar da Rocha	Quilombola, pescadora, marisqueira e presidente da Associação Quilombola do Cumbe	21/10/23 Casa da Cleomar
Ana Paula da Silva	Quilombola, pescadora e primeira-tesoureira da Associação Quilombola do Cumbe	10/09/23 Casa da Ana Paula
Ronaldo da Silva	Quilombola, pescador e vice-presidente da Associação Quilombola do Cumbe	22/10/23 Rio Jaguaribe
<b>2. Moradores do Cumbe</b>		
<b>Entrevistado</b>	<b>Descrição</b>	<b>Data e local</b>
Isabel da Silva	Quilombola e dona de casa	10/09/23 Casa da dona Isabel
Ana Mara da Silva	Quilombola e estudante	10/09/23 Casa da Ana Mara
<b>3. Fontes oficiais</b>		
<b>Entrevistado</b>	<b>Descrição</b>	<b>Data e local</b>
Elbia Gannoum	Presidente executiva da ABEEólica	06/10/23 Online, via Zoom

Eduardo Wagner	Coordenador-geral de licenciamento ambiental de empreendimentos fluviais e pontuais do Ibama	30/08/23 Online, via Zoom
<b>4. Fontes especializadas</b>		
<b>Entrevistado</b>	<b>Descrição</b>	<b>Data e local</b>
Adryane Gorayeb	Geógrafa, professora, pesquisadora e coordenadora do Labocart UFC	06/09/23 Departamento de geografia da UFC, sala do Labocart
Jeovah Meireles	Geógrafo, professor e pesquisador	06/09/23 Departamento de geografia da UFC, sala do Jeovah
Wallason Farias	Geógrafo, professor e pesquisador	09/08/23 Departamento de geografia da Uece
Leilane Chaves	Geógrafa e pesquisadora	06/08/23 Casa da Leilane
Andréa Camurça	Assistente social e ativista do Instituto Terramar	09/10/23 Online, via Zoom
Renato Roseno	Deputado estadual e presidente do Comitê de Direitos Humanos da Alece	27/09/23 Alece, sala do Renato
Soraya Tupinambá	Sócia e ativista do Instituto Terramar	28/07/23 Sede do Instituto Terramar

Fonte: Euziane Bastos e Rogério Bié

### 9.3 Imagens de apoio

As imagens de apoio foram capturadas com um cuidado especial para que a realidade de cada fonte fosse espelhada ao máximo, tanto as dos moradores da comunidade quanto as dos pesquisadores e fontes oficiais. Buscamos mostrar essas pessoas em suas rotinas diárias ou fazendo algo recorrente a suas realidades.

Uma atenção redobrada foi direcionada às imagens que remetem a memórias e o efeito que gostaríamos que as imagens tivessem foi o de movimento, em alusão aos ventos.

## 10 ESTRUTURA DO ROTEIRO

A roteirização do documentário foi meticulosamente elaborada, tendo como fundamento as entrevistas das lideranças e moradores do Cumbe como o principal fio condutor da narrativa. As fontes especializadas e oficiais surgem para conferir respaldo técnico e enriquecer os relatos afetivos, de memória e do cotidiano dos "protagonistas".

O roteiro foi feito utilizando seguindo a estrutura indicada na tabela 3:

Tabela 3 – Estrutura do roteiro

<b>INDICAÇÃO DO BLOCO</b> Abordagem do bloco Fontes presentes no bloco:				
<b>MINUTAGEM</b>	<b>TIPO</b> (sonora, off, letreiro, animação, transição)	<b>TEXTO</b>	<b>GC - IMAGEM</b>	<b>SOM</b>

Fonte: Euziane Bastos e Rogério Bié

O roteiro foi estruturado em 10 blocos progressivos, adicionado os créditos finais com imagens de making-off, conforme detalhado abaixo:

Tabela 4 – Blocos do documentário

<b>FILHOS DO VENTO: ENERGIA EÓLICA E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO QUILOMBO DO CUMBE (documentário)</b>	
<b>Bloco</b>	<b>Duração</b>
<p><b>BLOCO 1 - Introdução</b> Bloco de introdução com falas chave dos personagens, letreiro de apresentação geral do tema e vinheta com os créditos iniciais.</p>  <p>Em 2008, um parque eólico com 67 aerogeradores foi instalado na comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati, município localizado no litoral leste do Ceará.</p>	05min22s

Figura 12 – Letreiro introdutório (Bloco 1)



Figura 13 – Título (bloco 1)



Figura 14 –Vinheta com os créditos iniciais. (bloco 1)

**BLOCO 2 – O Cumbe**

Apresentação do Quilombo do Cumbe sob a perspectiva dos protagonistas: sua localização, quantidade de moradores, características, histórico e marcadores sociais. O destaque do bloco é a abordagem desses elementos por meio experiências afetivas dos moradores, enfatizando o sentimento de pertencimento ao território. Esse enfoque visa fortalecer ainda mais o impacto das mudanças que serão abordadas posteriormente.

11min05s



Figura 15 – Imagem de apoio da personagem Cleomar (bloco 2)

### **BLOCO 3 – Contexto do surgimento dos parques eólicos**

Com o Cumbe introduzido, é o momento de abordar as eólicas, explorando seus aspectos históricos e políticos, desde a implantação no Brasil até sua chegada no Ceará e, por fim, no próprio Cumbe. Este bloco servirá como transição para discutir o processo de instalação do parque no Cumbe, culminando nos impactos.

04min58s



Figura 16 – Pesquisadora Adryane Gorayeb fala sobre o cenário da chegada dos parques eólicos no Brasil (bloco 3)

### **BLOCO 4 – "Monstro grande que vai devorando tudo" - Chegada do parque eólico no Cumbe**

Contar a instalação do parque no Cumbe: moradores sabendo (ou não), entrada de equipamentos, destruição das dunas e aterramento de lagoas, grande fluxo de trabalhadores, rachamento de casas, alagamentos, promessas e, como ápice da luta, o fechamento da estrada por 19 dias.

07min29s



Figura 17 – Imagem de arquivo das máquinas destruindo as dunas durante a instalação do parque (bloco 4)



Figura 18 – Animação de crianças na época da chegada do parque (bloco 4)

**BLOCO 5 – "Os caminhos tirados" e "Dividir pra dominar"**

Dividido em duas partes, esse bloco aborda de forma direta as transformações e conflitos socioambientais vivenciados pelos moradores. A primeira parte traz os impactos no território, com ênfase nas barreiras no acesso impostas pelo empreendimento. A segunda, por sua vez, relata a divisão da comunidade por conta do parque, que tem desencadeado discórdia e clima de tensão entre os moradores.

12min34s



Figura 19 – Imagem de apoio de Cleomar falando sobre as barreiras para chegar até o cemitério do Cumbe (bloco 5)



Figura 20 – Imagem de abertura da segunda parte do bloco 5, que aborda o conflito interno entre os moradores por conta do parque eólico (bloco 5)

**BLOCO 6 – "Os filhos do vento"**

Finalmente, o momento de trazer o impacto que dá nome ao documentário. Por conta da delicadeza do tema, o bloco é fundamentado na articulação dos depoimentos com animações.

13min12s

 <p data-bbox="293 737 1084 768">Figura 21 – Animação de uma moradora da comunidade grávida (bloco 6)</p>	
<p data-bbox="222 800 699 831"><b>BLOCO 7 – O lado dos empreendimentos</b></p> <p data-bbox="222 831 1078 890">Depoimento da Presidente executiva da ABEEólica da Associação Brasileira de Energia Eólica.</p>	04min13s
<p data-bbox="222 953 959 984"><b>BLOCO 8 – "Além da terra, no mar" - Eólicas no mar (<i>offshore</i>)</b></p> <p data-bbox="222 984 1105 1136">Abordagem do atual cenário da corrida pela implementação das usinas offshore no Brasil e no Ceará, que é um dos principais focos para a chegada desses empreendimentos. O foco são as reivindicações e receios das comunidades tradicionais, que temem a ampliação dos impactos já existentes com os empreendimentos em terra.</p>  <p data-bbox="407 1640 976 1671">Figura 22 – Imagem de abertura do bloco 8 (bloco 8)</p>	10min48s
<p data-bbox="222 1703 870 1734"><b>BLOCO 9 – "Resistir para existir" - Resistência e futuro</b></p> <p data-bbox="222 1734 1081 1824">Na perspectiva de abordar a visão de futuro da comunidade pela perspectiva dos moradores, o bloco apresenta as diversas formas de resistência e afirmação da comunidade frente a todos esses conflitos.</p>	10min27s



Figura 23 – Ana Mara, moradora de 13 anos da comunidade e filha de uma das lideranças comunitária, fala sobre as perspectivas de futuro no Cumbe (bloco 9)



Figura 24 – Imagem de apoio de João do Cumbe e Cleomar Ribeiro na associação. (bloco 9)

#### **BLOCO 10 – Poema**

O bloco marca o encerramento do documentário com a leitura conjunta, pelos personagens, do poema “A Briga pelos Ventos”, escrito por João do Cumbe, liderança da comunidade.

02min55s

#### **CRÉDITOS DE ENCERRAMENTO + CENAS DE MAKING OFF**

Fonte: Euziane Bastos e Rogério Bié

## **11 EDIÇÃO/PÓS-PRODUÇÃO**

Para a edição deste produto, escolhemos o programa CapCut (versão para Windows) e separamos a produção em 10 blocos. Dessa forma, cada um ficou responsável pela roteirização

da edição de cinco blocos. Euziane: blocos 2, 3, 6, 7 e 10 e Rogério: 1, 4, 5, 7 e 8. Para a escrita do roteiro, utilizamos o Google Docs e separamos o roteiro de cada bloco, colocando todos em uma pasta no Google Drive, na conta criada para o documentário.

Para a decupagem dos áudios das entrevistas, escolhemos a ferramenta do Google chamada PinPoint, em que fazemos o upload dos arquivos separadamente, em pastas referentes a cada fonte e conseguimos destacar as partes que vamos utilizar em cada bloco.

Combinamos que, uma vez finalizada a edição dos blocos, juntaríamos todos eles para realizar os ajustes finais. Cada bloco não deveria ter mais que 6 minutos, com exceção dos mais importantes, como os blocos 4, 5 e 6. O 6, por exemplo, aborda o tema principal do produto: os filhos do vento.

Os blocos 3 e 7, por sua vez, deveriam ser os mais curtos, por se tratar de blocos mais técnicos, em que as informações devem ser expostas de forma mais direta.

Quando finalizada a edição bruta de um bloco, fazemos o upload dela na pasta compartilhada no OneDrive.

## 12 IDENTIDADE VISUAL

### 12.1 Tipografia

Foram utilizadas duas tipografias principais durante o documentário, com variações de peso de acordo com a necessidade e contrastes do texto com as imagens. A fonte *Very Simple Chalk* foi usada para o título, subtítulos que aparecem no início dos blocos 4, 5, 8 e 9 e indicação de locais em datas. Para o corpo dos letreiros do bloco 1 e 8, foi usada a fonte *Crayon Hand*. Nas tarjas e GCs, foi utilizada a fonte *Nunito*.

Figura 25 – Tipografia: “Very Simple Chalk



Fonte: Rogério Bié

Figura 26 – Tipografia: “Crayon Hand”

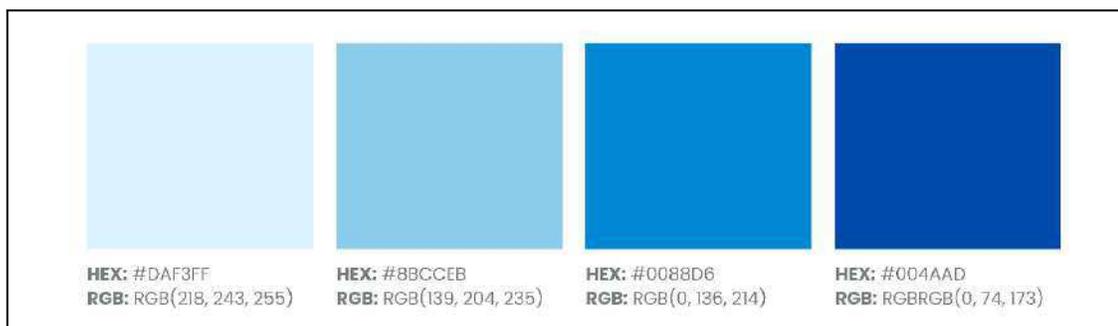


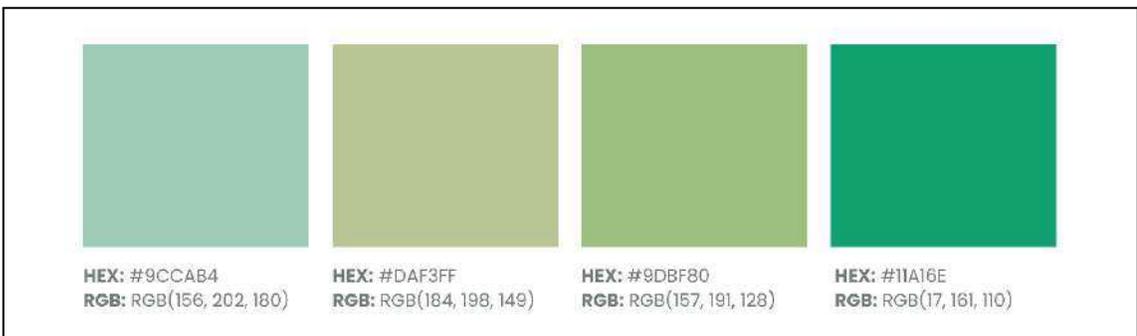
Fonte: Rogério Bié

## 12.2 Paleta de cores

A seleção cromática adotada revela-se sóbria e estrategicamente referenciada aos elementos territoriais que permeiam de forma contínua a narrativa visual. Nessa perspectiva, predominantemente utilizam-se tonalidades de azul e branco, simbolizando os céus, ventos e aerogeradores inerentes ao parque eólico. O verde é empregado como uma referência visual ao manguezal, enquanto as nuances de amarelo, laranja e marrom são escolhidas devido à representação dos campos de dunas. Abaixo segue a paleta de cores com seus respectivos código em HEX e RGB:

Figura 27 – Paleta de cores





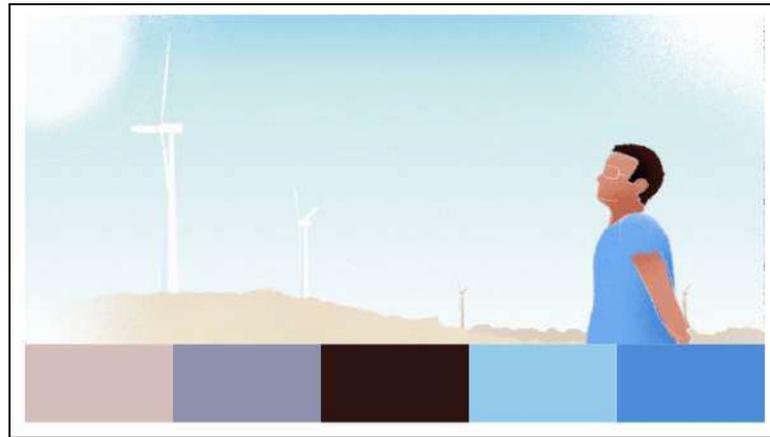
Fonte: Rogério Bié

Figura 28 – Exemplo de aplicação da paleta de cores no documentário 1



Fonte: Rogério Bié

Figura 29 – Exemplo de aplicação da paleta de cores no documentário 2



Fonte: Rogério Bié e Gabriel Lopes

Figura 30 – Exemplo de aplicação da paleta de cores no documentário 3



Fonte: Rogério Bié

Figura 31 – Exemplo de aplicação da paleta de cores no documentário 4



Fonte: Rogério Bié e Gabriel Lopes

### **12.3 Animações e grafismos**

A opção pela utilização de animações fundamentou-se em três motivos primordiais. Inicialmente, a consideração ética de abordar o tema delicado dos "filhos do vento" de maneira humanizada e sensível, sem a necessidade de expor diretamente as pessoas envolvidas. Em segundo lugar, a compreensão de que a animação confere ao documentário uma abordagem mais poética, enriquecendo o ritmo da narrativa. Por último, a necessidade de contornar situações de ausência ou escassez de registros fotográficos que pudessem ser utilizados como imagens de apoio.

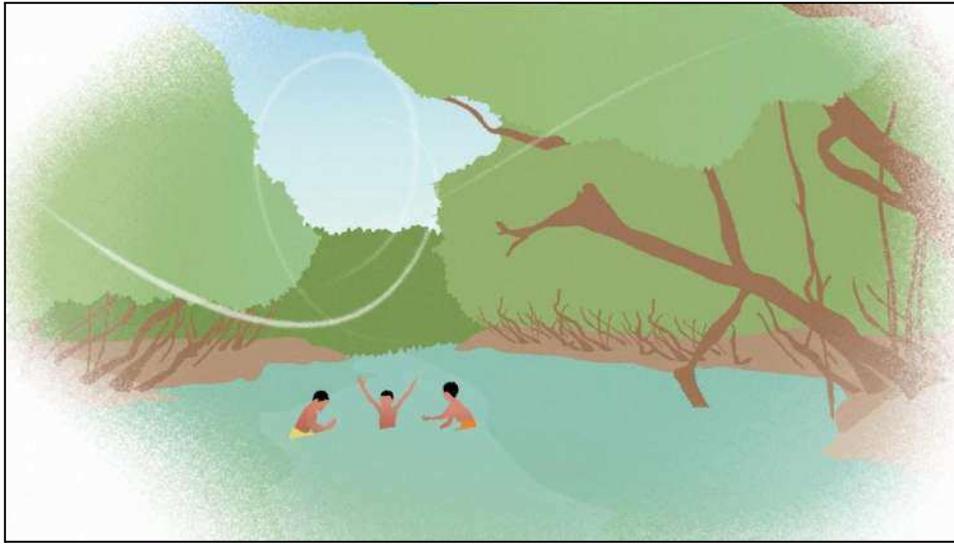
Os softwares utilizados para a feitura das ilustrações e animações foram, respectivamente, o Adobe Illustrator e o Adobe After Effects. O estilo artístico eleito para as ilustrações foi a aquarela, que não apenas adiciona um elemento estético refinado, mas também se alinha à atmosfera delicada e reflexiva que o documentário busca transmitir. Sua aplicação específica em diversas partes do projeto visa criar uma conexão visual mais íntima e emocional com o público, contribuindo para a narrativa de forma significativa.

Já em relação às cores, o azul foi escolhido como cor principal. As demais cores vistas ao longo das imagens do doc também foram levadas em consideração. Nas animações, é possível perceber degradês de azul, branco e amarelo, cores muito presentes no céu; e tons mais terrosos em referências à terra e às dunas. O laranja e o verde também estiveram presentes nas artes com o propósito de trazer tons mais vivos e usá-los em outros elementos como roupas e vegetação, bem como para fazer um contraste com as cores sutis de fundo e tornar a paleta de cores mais consistente.

A introdução de grafismos, por sua vez, teve o propósito de apresentar, de forma didática, informações e dados essenciais. A produção das animações seguiu como referência as imagens captadas e de arquivo.

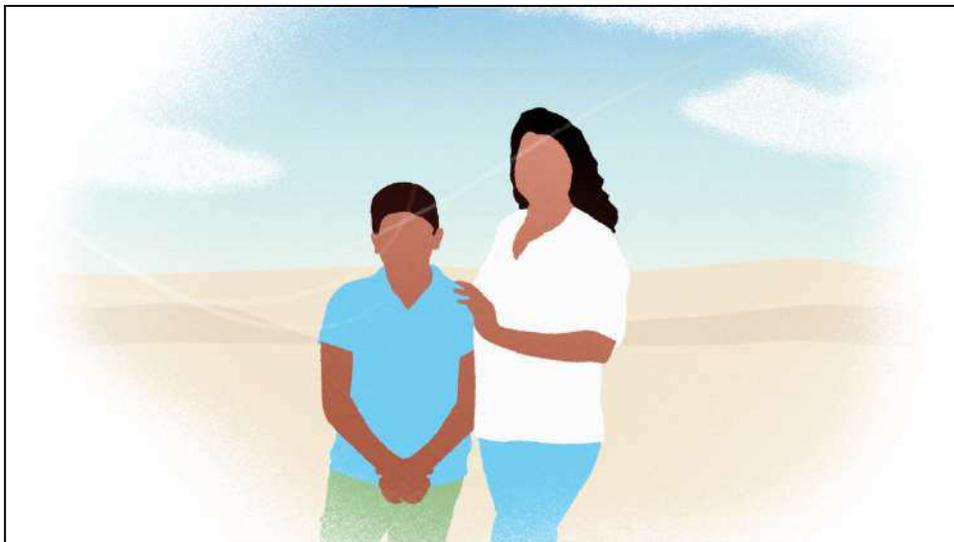
As animações e grafismos estão presentes nos blocos 1, 2, 4, 5, 6, 8 e créditos. Gabriel Lopes foi o profissional responsável e utilizou os programas Adobe After Effects e Adobe Photoshop, principalmente.

Figura 32 – Exemplo de aplicação de animação no documentário 1



Fonte: Gabriel Lopes

Figura 33 – Exemplo de aplicação de animação no documentário 2



Fonte: Gabriel Lopes

Figura 34 – Exemplo de aplicação de grafismo

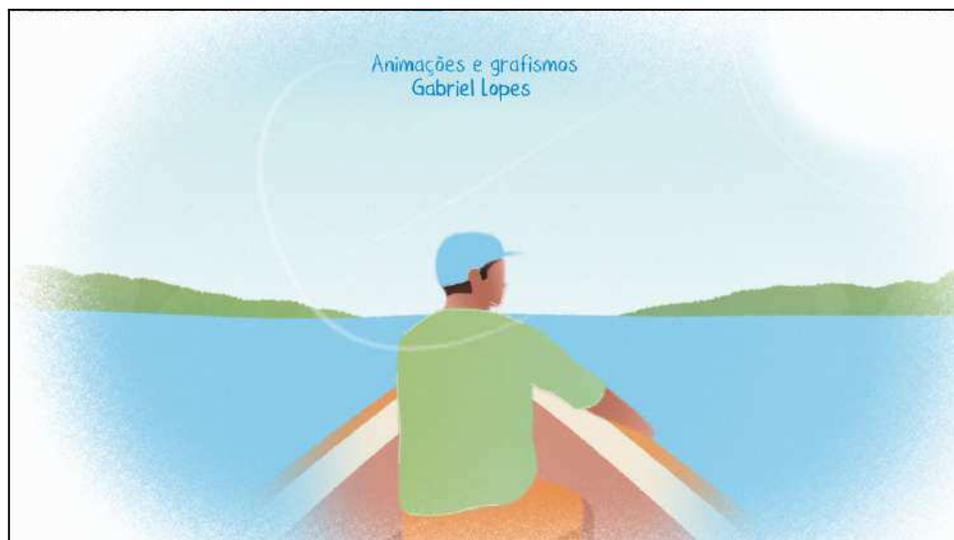


Fonte: Gabriel Lopes

#### 12.4 Vinheta

No contexto da utilização de animações, a vinheta que apresenta os créditos iniciais assume uma posição significativa como elemento de dinamismo no documentário. Esta é constituída por cinco cenas que referenciam momentos reais do documentário. Um recurso de continuidade notável empregado foi a transição da última tela da vinheta, a qual retrata a fachada da Associação Quilombola, para a cena "real" da própria fachada, dando sequência ao vídeo.

Figura 35 – Cena da vinheta de abertura



Fonte: Gabriel Lopes

### **13 FOTOGRAFIA**

Para a realização das entrevistas, optou-se por adotar o enquadramento padrão no estilo plano americano, com a captação das imagens em ângulo secundário nos planos detalhe e médio. No processo de edição, houve ajustes nos planos de algumas capturas para atender às necessidades específicas da narrativa.

Quanto às imagens de apoio e de locações, a escolha recaiu sobre o uso do plano aberto (long shot) e do plano detalhe, visando criar ambientações gerais e momentos de natureza mais poética.

### **14 TRILHA SONORA**

A trilha sonora é uma parte essencial do documentário. Para além de conferir ritmo à narrativa, o processo de sua concepção buscou transpor os elementos emocionais fundamentais da história, que se destacam pela presença de sentimentos de revolta, conflito e incômodo, mas também de resistência e esperança. Também foram introduzidos elementos que evocassem o som do vento e das turbinas eólicas, visando assim potencializar a imersão das composições no contexto narrativo.

Ela foi composta em estúdio profissional por Wesley Vasconcelos, músico e compositor. A criação de uma trilha sonora deve estar sempre a serviço da narrativa. Então, o primeiro passo foi o diálogo para que o compositor pudesse mergulhar nas camadas da história, tentando traduzir modos sentimentais para modos musicais. O roteiro já continha diretrizes para a modulação de emoções da narrativa cinematográfica em cada bloco do filme, o que facilitou o trabalho.

No que tange à composição em si, a abordagem inicial envolveu o desenvolvimento da melodia principal, que serviria como a assinatura sonora distintiva para a trilha. Essa assinatura é introduzida na abertura do filme e é citada, de maneira direta e indireta, ao longo das demais peças musicais, conferindo coesão estética à obra. Para a elaboração da composição, foi utilizado o software Digital Audio Workstation (DAW) denominado Studio One.

Neste contexto, foram gravados instrumentos acusticamente captados, como violão e percussão, assim como instrumentos captados eletricamente, como guitarra e contrabaixo. Adicionalmente, foram incorporados sons de sintetizadores e instrumentos virtuais, os quais simulam sons de instrumentos reais, mas são executados por meio de um teclado controlador ou pads, permitindo a emulação de sons "orquestrais". Na DAW, os sons gravados foram organizados em camadas denominadas faixas, possibilitando a sobreposição de múltiplos instrumentos, cada um gravado separadamente. A trilha sonora completa usada no documentário contém as seguintes faixas:

1. **Faixa 1: Filhos do Vento (Tema Principal)**
2. **Faixa 2: O Cumbe** – tema do Bloco 2
3. **Faixa 3: Monstro Grande** – tema do Bloco 4
4. **Faixa 4 – Fechamento da Estrada** – tema secundário do Bloco 4
5. **Faixa 5 – Dividir Pra Dominar** – tema do Bloco 5
6. **Faixa 6 – Os Caminhos Tirados** – tema secundário do Bloco 5
7. **Faixa 7 – Filhos Do Vento** – tema do Bloco 6
8. **Faixa 8 - Além Da Terra, No Mar** – tema do Bloco 8
9. **Faixa 9 – Resistir Para Existir** – tema do Bloco 9
10. **Faixa 10 – A Briga Pelos Ventos (Poema)** - trilha do Bloco 10
11. **Faixa 11 – A Briga Pelos Ventos (Violão)** - trilha do Bloco 10
12. **Faixa 12 – Filhos do Vento (Vinheta)** - vinheta de abertura
13. **Faixa 13 – Filhos do Vento (Tema de Encerramento)** - créditos

Figura 36 – Compositor Wesley Vasconcelos em estúdio durante a composição da trilha sonora



Fonte: arquivo pessoal

## 15 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir esse documentário talvez tenha sido o maior desafio de nossas vidas acadêmicas. Foram muitos obstáculos, desde a dificuldade financeira até as barreiras que o próprio tema nos impôs. Sempre estivemos abertos ao que gostaríamos de capturar e ao que encontraríamos indo à comunidade que escolhemos estudar, mas não imaginávamos que encontraríamos tanto a ser discutido.

Chegamos à conclusão de que queremos evoluir esse projeto para além de um único filme, transformá-lo em uma série com vários capítulos. Quem sabe, no futuro, e com incentivo de investimentos, possamos estender ainda mais o projeto. São muitos planos e ideias que surgiram ao longo de todo esse processo.

Sem dúvidas, o fato de ter alguém para compartilhar o trabalho foi essencial para que esse documentário fosse finalizado. Começamos a idealizar tudo com mais de um ano antes da defesa e em poucos meses conseguimos delimitar bem o que queríamos e como faríamos. Foi um trabalho em grupo em que um supriu as faltas do outro e, assim, nos completávamos.

No começo, pensamos em falar única e exclusivamente dos “filhos do vento”, mas, com o primeiro empecilho: a falta de entrevistas e imagens com estes personagens, tivemos que adaptar a nossa ideia inicial para não perder tudo o que já tínhamos feito. Por sorte, já tínhamos nos preparado para essa possibilidade. A partir disso, decidimos continuar a falar sobre essas crianças e adolescentes, mas pelo ponto de vista dos próprios moradores.

Somado a isso, outros impactos tão relevantes quanto ao que escolhemos focar foram surgindo e informações que não tínhamos tido acesso por meio dos artigos e pesquisas que lemos foram chegando a nós pela boca de nossas próprias fontes. A partir disso, tomamos uma outra decisão: precisamos abordar outros impactos com mais ênfase também.

No fim, foi muito difícil escolher o que cortar. Uma edição desafiadora para um tema tão relevante nos dias atuais. Acreditamos que conseguimos entregar a melhor edição, com o máximo

de informações importantes possíveis para que o debate desta problemática tenha mais material para seguir reverberando e desejamos que o nosso trabalho repasse os sentimentos que vivenciamos quando estávamos frente a frente com cada um dos entrevistados.

## 16 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEEOLICA. Associação Brasileira de Energia Eólica. **Boletim de dados: janeiro/2017**. Brasília: ABEEOLICA, 2017. Disponível em: [www.abeeolica.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Boletim-Anual-de-Geracao-2017.pdf](http://www.abeeolica.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Boletim-Anual-de-Geracao-2017.pdf). Acesso em: 03 agosto 2023.

ARAÚJO, Júlio César Holanda; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade. **Entre Expropriações e Resistências: Mapa das Desigualdades Ambientais na Zona Costeira do Ceará, Brasil**. In: GORAYEB, Adryane; BRANNSTROM, Christian; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (org.). Impactos Socioambientais da Implantação de Parques de Energia Eólica no Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2019. p. 61-81. Disponível em: [https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/livro\\_web.pdf](https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/livro_web.pdf). Acesso em: 01 julho 2023.

BRANNSTROM, Christian; GORAYEB, Adryane; LOUREIRO, Caroline Vitor; MENDES, Josicléa de Sousa. **Processos Políticos e Impactos Socioambientais da Energia Eólica no Litoral Cearense**. In: GORAYEB, Adryane; BRANNSTROM, Christian; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (org.). Impactos Socioambientais da Implantação de Parques de Energia Eólica no Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2019. p. 45-60. Disponível em: [https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/livro\\_web.pdf](https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/livro_web.pdf). Acesso em: 01 julho 2023.

BRASIL. **Atlas do potencial eólico brasileiro**. Brasília: Ministério de Minas e Energia, 2001a.

BRASIL. **Lei nº 7.661, de 16 de maio de 1988**. Dispõe sobre a ação de prevenção, correção e controle da poluição do meio ambiente, estabelece a necessidade de licenciamento ambiental e dá

outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 maio 1988. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17661.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17661.htm)>. Acesso em: 05 agosto 2023.

BRASIL. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução CONAMA nº 462, de 30 de julho de 2014**. Dispõe sobre critérios gerais e diretrizes básicas para a elaboração de estudos e programas ambientais para o licenciamento ambiental. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31 jul. 2014. Seção 1, p. 81-82. Disponível em: <<https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=133565>>. Acesso em: 25 novembro 2023.

CAMURÇA, Andréa Machado. **Mulheres e “questão socioambiental”: impactos e enfrentamentos frente à implantação de parque eólico na comunidade do Cumbe, Aracati-CE**. Fortaleza, 2018. Monografia (Graduação em Serviço Social), Universidade Estadual do Ceará, 2018.

CHAVES, Leilane Oliveira. **Modos de Vida e Conflitos pelo Uso de Recursos Naturais na Comunidade do Cumbe, Aracati, Ceará - Brasil**. Fortaleza, 2019. Tese de doutorado (desenvolvimento e meio ambiente), Universidade Federal do Ceará, 2019.

CHAVES, Leilane Oliveira. **Energia Eólica e a Criação de Conflitos: Ocupação dos Espaços de Lazer no Cumbe, Aracati (Ceará)**. In: GORAYEB, Adryane; BRANNSTROM, Christian; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (org.). Impactos Socioambientais da Implantação de Parques de Energia Eólica no Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2019. p. 195-211. Disponível em: [https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/livro\\_web.pdf](https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/livro_web.pdf). Acesso em: 01 julho 2023.

GORAYEB, Adryane; BRANNSTROM, Christian. **Diretrizes para o Planejamento Socialmente Justo com Vistas à Implantação de Parques Eólicos no Brasil**. In: GORAYEB, Adryane; BRANNSTROM, Christian; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (org.). **Impactos Socioambientais da Implantação de Parques de Energia Eólica no Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2019. p. 25-43. Disponível em:

[https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/livro\\_web.pdf](https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/uploads/2019/07/livro_web.pdf).

Acesso em: 01 julho 2023.

NASCIMENTO, João Luís Joventino do; COSTA LIMA, Ivan. **Nas trilhas da memória e da história: Cumbe um museu a céu aberto**. Fortaleza: XI Encontro Regional Nordeste de História Oral, maio de 2017. Disponível em: [www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494036579\\_ARQUIVO\\_HistoriaOralFortaleza2017Final.pdf](http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494036579_ARQUIVO_HistoriaOralFortaleza2017Final.pdf). Acesso em: 23 novembro 2023.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA, Gabrielle Rosa de; VILARINHO, Maria Eduarda Alves; MARQUES, Eduardo Moreira. **Energias Limpas e Renováveis como Vantagem Competitiva na Gestão das Organizações**. Revista Científica Mais Pontal, 2023. Disponível em: <https://revistas.facmais.edu.br/index.php/maispontal/article/view/49/24>. Acesso em: 25 novembro 2023.

OLIVEIRA, Michelle Gusmão. *In*: Congresso de ensino, pesquisa e extensão da UEG, 3., 2016, Pirenópolis. **O documentário e suas especificidades**. Pirenópolis: 2016. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/8176/5613>. Acesso em: 30 novembro 2023.

RAMIREZ, Jacobo; GORAYEB, Adryane; NASCIMENTO, João Luís Joventino do. **Winds of Change: Conflict, Culture and Sustainability in the Cumbe Community**. Copenhagen Business School, CBS, 2023. Disponível em: <https://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/sem-categoria/livro-winds-of-change-conflict-culture-and-sustainability-in-the-cumbe-community/>. Acesso em: 02 novembro 2023.

SOUZA, Wallason Farias de. **Implicações Socioambientais dos Estudos Ambientais (RAS) Utilizados no Licenciamento Ambiental de Parques Eólicos no Ceará - Brasil**. Fortaleza, 2020. Tese de doutorado (dinâmica ambiental e territorial), Universidade Federal do Ceará, 2020.

VERDES MARES, Diário do Nordeste. **Bons ventos sopram na comunidade do Cumbe.** Diário do Nordeste, Fortaleza, [10 de abril de 2012]. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/bons-ventos-sopram-na-comunidade-do-cumbe-1.373565>. Acesso em: 25 novembro 2023.

WAISBORD, Silvio. **Advocacy Journalism in a Global Context.** In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas (org.). *The Handbook of Journalism Studies*. Reino Unido: Taylor & Francis, 2009. p. 371-385.

## APÊNDICE A - PAUTA

<b>Repórter</b>	Euziane, Rogério
<b>Cinegrafista</b>	Euziane, Rogério e Leandro
<b>Produtor</b>	Euziane, Rogério e Dêdê
<b>Matéria</b>	Filhos do Vento
<b>Centro da cobertura</b>	Aracati; Comunidade do Cumbe em Aracati.
<b>Fontes</b>	<p><b>FONTES ESPECIALIZADAS</b></p> <p><b>Nome:</b> Adryane Gorayeb  <b>Atuação/Trabalho:</b> Professora do Departamento de Geografia da UFC e doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)  <b>Contato:</b> 85 98869-7175  <b>Horário da marcação:</b> 9h30  <b>Data da marcação:</b> 06/09/2023  <b>Local da marcação:</b> Labocart  <b>Direcionamento da entrevista:</b> Implantação/planejamento socialmente justo dos parques eólicos próximos a comunidades tradicionais; processos políticos; parques eólicos offshore no Brasil e impactos; transição energética.  <b>Roteiro de perguntas:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual é o e histórico e contexto político da implantação das usinas eólicas no Ceará?</li> </ol>

	<ol style="list-style-type: none"><li>2. Com esteio no histórico exposto, é interessante analisar-se o desenvolvimento da matriz energética eólica cearense, não só por meio de números e dados técnicos, mas também como discurso político que viabilizou a entrada de investidores externos e à concessão de incentivos fiscais e facilidades logísticas para as empresas que tivessem interesse em implantar parques eólicos no Estado. Quais são os principais pontos destacados nesse discurso?</li><li>3. Você pode falar um pouco sobre o trabalho e a atuação do LABOCART no que diz respeito às usinas eólicas e comunidades tradicionais localizadas próximas a elas, como foco no processo de cartografia social desenvolvida na zona costeira do Ceará?</li><li>4. Quais são os principais impactos socioambientais causados pela instalação dos parques eólicos para as comunidades tradicionais? Quais são as principais reivindicações dessas comunidades?</li><li>5. Qual é o contexto dos conflitos de poder entre as comunidades e as elites municipais, e como a questão fundiária entra nesse cenário?</li><li>6. Para onde vai a energia produzida pelas eólicas da zona costeira do Ceará e as contradições desse processo?</li><li>7. Agora falando especificamente sobre o contexto do Cumbe, quais são os impactos e conflitos que você destaca a partir das pesquisas desenvolvidas lá?</li><li>8. Sobre os “filhos do vento”, fala sobre o contexto desse impacto e qual é a relação da comunidade com ele? Quais são os impactos sociais vivenciados por essas mães e filhos e quais seriam os meios de mitigá-los?</li><li>9. Tem alguma história ou relato específico que você destacaria pela sua experiência?</li><li>10. Sobre o futuro e as perspectivas de chegar a soluções possíveis e sustentáveis, qual são os caminhos? Existem exemplos já existentes em outros países que podem inspirar o Brasil?</li><li>11. Atualmente, no Ceará, qual é o cenário da corrida da implantação das usinas offshore e os passos para um planejamento socialmente justo?</li><li>12. Em 2019, ano do lançamento da coletânea de ensaios referentes aos impactos socioambientais dos parques no Estado do Labocart, tinham apenas três projetos de eólicas offshore em análise nos órgãos do meio ambiente. Atualmente, já existem mais de 20. Sabemos que o planejamento desses empreendimentos tem sido relapso. Você acha que algo mudou de 4 anos pra cá? O que ainda precisa ser visto?</li></ol>
--	--

13. Uma das vitrines das políticas do Governo do Ceará, atualmente, é o hidrogênio verde e a atração de investimentos nesse tópico, pode nos explicar qual é esse cenário e as suas implicações?
14. Há algo mais que você gostaria de dizer?

**Nome:** Jeovah Meireles

**Atuação/Trabalho:** Professor do Departamento de Geografia da UFC e doutor em Geografia Física pela Universitat de Barcelona.

**Contato:** 85 99612-8617

**Horário da marcação:** 15h

**Data da marcação:** 04/09/2023

**Local da marcação:** Labocart (UFC)

**Sugestões de perguntas:**

15. Explicar quais focos a pesquisa dele tem.
16. Quais são os principais impactos socioambientais a implantação dos parques eólicos implica?
17. Qual é o contexto dos conflitos de poder entre as comunidades e as elites municipais, e como a questão fundiária entra nesse cenário?
18. Para onde vai a energia produzida pelas eólicas da zona costeira do Ceará e as contradições desse processo?
19. Agora falando especificamente sobre o contexto do Cumbe, quais são os impactos e conflitos que você destaca a partir das pesquisas desenvolvidas lá?
20. Fala sobre o processo de construção/instalação dessas usinas e os impactos que isso tem no território físico.
21. Sobre os “filhos do vento”, fala sobre o contexto desse impacto e qual é a relação da comunidade com ele?
22. Tem alguma história ou relato específico que você destacaria pela sua experiência.
23. Sobre o futuro e as perspectivas de chegar a soluções possíveis e sustentáveis, qual são os caminhos? Existem exemplos já existentes que podemos nos inspirar?
24. Uma das vitrines das políticas do Governo do Ceará, atualmente, é o hidrogênio verde e a atração de investimentos nesse tópico, Explica qual é esse cenário e as suas implicações.
25. Há algo mais que você gostaria de dizer?

**Nome:** Leilane Oliveira Chaves

**Atuação/Trabalho:** Doutora e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará (PRODEMA/UFC).

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Integrou o

Laboratório de Geocologia das Paisagens e Planejamento Ambiental (LAGEPLAN) e Laboratório de Geoprocessamento (LABOCART) vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará no período de agosto de 2008 a junho de 2019.

**Direcionamento da entrevista:** Impactos da eólico no aspecto da identidade e modos de vida da comunidade. Sobre a divisão da comunidade: processos de alteração da dinâmica e divisão das famílias. Como foi o processo de implementação e as dinâmicas.

**Contato:** 85 98605-9412

**Horário da marcação:** 9h

**Data da marcação:** 06/08/2023

**Local da marcação:** Casa da Leilane (Travessa Elisiário Mendes, 150 - Condomínio Potiguara, Messejana. Fica próximo ao Gran Shopping Messejana na avenida Frei Cirilo)

**Sugestões de perguntas:**

1. Leilane, quais são os principais impactos socioambientais causados pela instalação do parque eólico no Cumbe? Como eles alteraram a dinâmica de identidade e modos de vida da comunidade?
2. Fala um pouco da sua pesquisa, como foi o processo e os principais aspectos observados (pode começar desde a sua primeira visita ao Cumbe, o que você observou por lá? Quais foram as suas primeiras impressões?).
3. Sobre a divisão da comunidade em decorrência da usina, o que você destaca desse processo? (Brigas entre pessoas da própria família).
4. Fale sobre o processo de construção/instalação da usina e o impacto que isso teve na dinâmica da comunidade.
5. Você acha que a instalação desse parque modificou/adicionou algo à identidade dessa comunidade?
6. Sobre os “filhos do vento”, fale sobre o contexto desse impacto e qual é a relação da comunidade com ele (contar história que ela soube sobre os filhos da Vivi sem citar nomes).
7. Tem alguma história ou relato específico que você destacaria pela sua experiência?
8. Sobre o futuro e as perspectivas de chegar a soluções possíveis e sustentáveis, qual são os caminhos?
9. Há algo mais que você gostaria de dizer?

**Nome:** Wallason Farias de Souza

**Atuação/Trabalho:** Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará com período sanduíche na Texas A&M University (EUA). Mestre em

Geografia pela Universidade Federal do Ceará (2016). Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (2013). Atualmente é Analista Ambiental efetivo na Secretaria de Meio Ambiente e Controle Urbano do Município de Itaitinga/CE. Ênfase em Geoprocessamento, Sensoriamento remoto, SIG, Licenciamento Ambiental, Análise ambiental, Geomorfologia e dinâmica costeira e impactos socioambientais na zona costeira.

**Direcionamento da entrevista:** Análise do discurso em relatórios de licenciamento. Queremos saber como as empresas justificam a instalação de um parque eólico.

**Contato:** 85 99800-2302

**Local da marcação:** Campus da Uece (Itaperi)

**Data da marcação:** 09/08/2023

**Horário da marcação:** 15h

**Sugestões de perguntas:**

1. Fala um pouco da sua pesquisa, como foi o processo e os principais aspectos observados.
2. Como funcionam esses relatórios de análise de impacto? Pode explicar a diferença entre um RAS e um EIA-Rima?
3. O que é “green-grabbing” e como ele está ligado com os processos de licenciamento nas instalações dos parques eólicos?
4. Conta um pouco pra gente desse histórico de eventos que motivaram os investimentos na matriz eólica (lembranças pessoais do apagão de 2001).
5. Sobre os processos de licenciamento ambiental para a instalação desses parques, qual o contexto e problemáticas?
6. Sobre o futuro e as perspectivas de chegar a soluções possíveis e sustentáveis, qual são os caminhos?
7. Há algo mais que você gostaria de dizer?

### **LÍDERES COMUNITÁRIOS**

**Nome:** João do Cumbe

**Atuação/Trabalho:** Liderança quilombola do Cumbe, Defensor de Direitos Humanos, Educador Popular, Ambientalista, militante do Movimento Quilombola do Ceará, Movimento de Pescadores/as Artesanais e da Organização Popular do Aracati - OPA. Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - FACED/UFC - Linha Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola - Eixo Sociopoética, Cultura e Relações Étnico-raciais (2014); Possui Segunda Licenciatura em História, com ênfase em educação do campo e questões agrárias pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú -

PRONERA/UVA (2018) e Graduação em Ciências da Religião pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2008); Especialização em Museologia pela Faculdade Vale do Jaguaribe - FVJ (2011); Especialista em História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes para Formação de Professores de Quilombos pela Universidade Federal do Ceará - NACE/UFC (2011). Trabalha como Educador Social no Conselho Pastoral dos Pescadores/as Artesanais - CPP/CE.

**Contato:** 85 99726-0734

**Horário da marcação:**

**Local da marcação:** Sede da Associação Quilombola do Cumbe

**Data da marcação:** 09/09/2023

**Direcionamento da entrevista:** Vai ser uma conversa. Queremos conhecer o João e saber como ele se tornou essa liderança conhecida no meio da luta dos povos tradicionais. O nosso foco é como ele se inseriu nessa luta e como continua ela até os dias atuais.

**Sugestões de perguntas:**

1. Primeiro, a gente gostaria que você nos contasse um pouco da sua história. Quem é o João do Cumbe e como se deu o nascimento da sua liderança comunitária aqui no Cumbe
2. Falando da história do Quilombo do Cumbe na perspectiva do passado, presente e futuro, temos algumas perguntas: Primeiro, onde o Cumbe está localizado, quantos habitantes/famílias vivem aqui e quais são as principais características da comunidade.
3. O que você destaca do processo de formação histórica e cultural do Cumbe – falar da origem do nome “Cumbe”?
4. Qual é o cenário e o contexto da luta por reconhecimento do Cumbe enquanto comunidade Quilombola?
5. Conta qual é o histórico social e político dos impactos ambientais causados pelos empreendimentos no Cumbe.
6. Especificamente sobre o parque eólico, como foi esse processo da chegada e implantação do parque eólico aqui no Cumbe – quando começa, como foi que vocês ficaram sabendo, como foi a reação? Como isso impactou a dinâmica da comunidade?
7. Qual dentre os momentos de luta contra as eólicas no Cumbe foi o mais marcante pra você? Por quê?
8. Um dos momentos mais emblemáticos que se houve falar dessa luta é o fechamento da estrada de acesso a comunidade lá em 2009. Conta pra gente como foi esse processo.
9. Quais são os principais impactos socioambientais causados pela instalação do parque eólico no Cumbe? O que foi que mudou na sua rotina e dos moradores – pode ser bem específico.

10. Sobre a divisão da comunidade em decorrência da usina, o que você destaca desse processo? Pode falar sobre o contexto da construção do Museu, também.
11. Sobre os “filhos do vento”, fala sobre o contexto desse impacto e qual é a relação da comunidade com ele?
12. Frente a todos esses impactos, como é que o Cumbe continuando resistindo hoje?
13. Sobre o futuro e as perspectivas de chegar a soluções possíveis e sustentáveis, qual são os caminhos?
14. Você fez algo no passado (em relação à militância em prol do Cumbe) que faria diferente hoje?
15. Quais são seus principais desejos/interesses para agora? (citar off-shore)
16. Como morador do Cumbe, como você vê a comunidade (tanto da forma afetiva quanto da política)?
17. Há algo mais que você gostaria de dizer/acrescentar?

**Nome:** Cleomar Ribeiro

**Atuação/Trabalho:** Pescadora, marisqueira e presidente da Associação Quilombola do Cumbe

**Contato:** 88 9255-6619

**Horário da marcação:** 14h

**Data da marcação:** 21/10/2023

**Local da marcação:** Sede da Associação Quilombola do Cumbe

**Sugestões de perguntas:**

1. Conta pra gente um pouco da sua história e como você começou a engajar na luta contra as eólicas até se tornar a presidenta da associação quilombola.
2. Como você descreve o Quilombo do Cumbe e o que ele significa pra você? O que você mais gosta da sua comunidade (Cumbe)?
3. Conta pra gente um pouco do seu dia a dia atual. O que mudou nesse dia a dia ao longo do tempo?
4. Quais são as suas melhores lembranças de infância pré-eólica? E as melhores no momento?
5. Como foi essa chegada do parque eólico, como vocês ficaram sabendo e o que você lembra desse processo? Quais foram os problemas que surgiram?
6. Um dos episódios mais marcantes desse processo foi o fechamento da estrada por 19 dias, em 2009, para lutar contra a construção do parque. O que você lembra desse episódio?
7. Quais são os principais impactos causadas pela instalação do parque eólico no Cumbe? O que foi que mudou na sua rotina e dos moradores – pode ser bem específica.

8. Fala sobre a sua história para ir para ir para o cemitério visitar o túmulo da sua mãe. Como a eólica impactou isso? (se possível, gravar essa pergunta e no cemitério)
9. Sobre os filhos dos ventos, essas crianças sempre foram chamadas assim? Como esse termo se tornou popular?
10. Qual a relação da comunidade com esse impacto? Você conhece algum filho do vento? E alguma mãe de filho do vento?
11. Um ponto importante em relação aos filhos do vento é que as mulheres não querem falar sobre. Por que você acha que esse silêncio acontece?
12. Quais são as principais pautas em que você está focando seus esforços no momento?
13. Frente a todos esses impactos, como é que o Cumbe continuando resistindo hoje?
14. Como você vê o futuro do Cumbe (caso algum parque off-shore venha a ser instalado aqui no futuro)? Quais são os principais desafios?
15. Há algo mais que você gostaria de dizer/acrescentar?

**Nome:** Ronaldo da Silva

**Atuação/Trabalho:** Pescador, defensor de direitos humanos, vice-presidente da Associação Quilombola do Cumbe, ambientalista e agente cultural no Quilombo do Cumbe.

**Contato:**

**Horário da marcação:**

**Data da marcação:** 20/10/2023

**Local da marcação:** Casa do Ronaldo

**Direcionamento da entrevista:**

**Sugestões de perguntas:**

1. Primeiro, a gente gostaria que você nos contasse um pouco da sua história. Quem é o Ronaldo do Cumbe?
2. Como você descreve o Quilombo do Cumbe e o que ele significa pra você?
3. Ronaldo, fala sobre o trabalho da pesca que você faz aqui no Cumbe, qual a sua rotina como pescador? Qual a importância da pesca, do rio e do mar para os moradores do Cumbe?
4. Quais são as suas lembranças de como era a vida aqui antes da chegada do parque eólico.
5. Como foi essa chegada do parque eólico, como vocês ficaram sabendo e o que você lembra desse processo? Quais foram os problemas que surgiram?

6. Um dos episódios mais marcantes desse processo foi o fechamento da estrada por 19 dias, em 2009, para lutar contra a construção do parque. O que você lembra desse episódio?
7. Quais são os principais impactos socioambientais causados pela instalação do parque eólico no Cumbe? O que foi que mudou na sua rotina e dos moradores – pode ser bem específico, principalmente sobre o seu trabalho na pesca.
8. Sobre os “filhos do vento”, fala sobre o contexto desse impacto e qual é a relação da comunidade com ele?
9. Frente a todos esses impactos, como é que o Cumbe continuando resistindo hoje?
10. Sobre os projetos da chegada das usinas off-shore, qual a sua opinião sobre isso?
11. Quais você acha que são os caminhos para que essa situação pode ser resolvida?
12. Há algo mais que você gostaria de dizer/acrescentar?

#### **FONTES OFICIAIS**

**Nome:** Alexandre Pinto

**Atuação/Trabalho:** Químico industrial e técnico da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace)

**Contato:** (85) 986945961 (Rivaldo Gadelha, assessor)

**Data da marcação:** 30/10/2023

**Local da marcação:** Sede da Semace

**Horário da marcação:** 14h30

**Direcionamento da entrevista:** Gostaríamos de falar sobre a parte burocrática do processo de licenciamento ambiental de parques eólicos (quais são os critérios avaliados? Como esses estudos são feitos? Como a dimensão social é avaliada e qual o peso dela?). A nossa pesquisa é focada nos empreendimentos instalados próximos à comunidade do Cumbe, em Aracati. Por esse motivo, seria interessante se a fonte tivesse conhecimento sobre os processos que se passaram por lá durante as instalações. Também seria interessante se a fonte tivesse algum tempo de empresa para que ela possa discorrer sobre decisões da Semace ao longo do tempo, como a de dissolver o seu setor de informações geográficas em 2015, por exemplo.

#### **Sugestões de perguntas:**

1. Você pode explicar como funciona todo o processo burocrático para o licenciamento de uma obra como um parque eólico, por exemplo? Quais critérios são adotados pela Semace para a aprovação de um relatório técnico?

	<ol style="list-style-type: none"> <li>2. Os primeiros parques eólicos do Estado do Ceará foram instalados no campo de dunas, mas, atualmente, a Semace não tem mais permitido a instalação nessas regiões. Por qual motivo foi instituída essa proibição e como tem funcionado a fiscalização desses locais?</li> <li>3. Como funciona a atuação da Semace quanto à instalação de parques eólicos no litoral do Estado? (Sobretudo em Aracati)</li> <li>4. O Estado do Ceará é um dos líderes nacionais em número de projetos instalados e previstos para os próximos anos, mas é também um dos locais com maior registro de denúncias de conflitos ambientais, envolvendo as populações que residem próximo dos projetos. Na questão dos licenciamentos para que esses empreendimentos sejam instalados, como a Semace avalia o que de mais necessário deve ser estudado?</li> <li>5. Em junho de 2015, a Semace dissolveu seu setor de informações geográficas que mantinha arquivos de informações dos parques eólicos. O que teria justificado essa decisão e como essas informações passaram a ser processadas?</li> <li>6. A distância mínima dos aerogeradores para as residências de uma comunidade é de 300m recomendada pela própria Semace, mas a gente observa que essa recomendação nem sempre é seguida a risca. Em Amontada, por exemplo, as torres foram instaladas a menos de 100m das residências. Como a Semace age diante dessas irregularidades? É preciso apresentar algum estudo a mais para justificar a quebra dessa recomendação?</li> </ol> <p><b>Nome:</b> Elbia Gannoum  <b>Trabalho/atuação:</b> Presidente executiva da ABEEólica  <b>Contato:</b>  <b>Data da marcação:</b> 06/10/23  <b>Horário da marcação:</b> 18h  <b>Local da marcação:</b> On-line, via Zoom  <b>Abordagem da entrevista:</b>  <b>Sugestões de perguntas:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Vamos começar pelo que é a ABEEólica, o que ela faz e em qual contexto ela surgiu (quantos associados e quantos desses associados têm empresas no Nordeste e, em específico, no CE).</li> <li>2. Falar sobre o potencial do CE para energia eólica.</li> <li>3. De acordo com a Associação, até 2028 o Brasil terá 44,78 GW de capacidade instalada desse tipo de energia, cuja participação na matriz nacional atinge, atualmente, 13,2%. A eólica já responde hoje por 20% da geração de energia que o país precisa. Eu queria que você explicasse, de uma forma mais leiga, o que esse potencial significa de forma prática pro País? Qual o potencial da energia eólica frente às demais formas de energia?</li> </ol>
--	---

4. Como é a atuação a Associação em relação aos conflitos socio ambientalistas envolvendo as comunidades, em especial as tradicionais? O que os relatórios dela apontam em relação aos impactos?
5. Como a Associação vê as demandas de comunidades que ficam próximas aos parques e que tiveram algum tipo de prejuízo, seja ele físico ou psicológico, a partir dessa instalação? Existe algum tipo de mediação mais “social” desse processo depois dos casos como o do Cumbe, em Aracati?
6. Sobre os filhos do vento? Como ela atua pra mitigar esse impacto.
7. Falar do cenário e ecossistema atual da implementação da energia eólica no Brasil e as perspectivas pro futuro (citar tbm o relatório da ONS sobre a falha nas eólicas e a conclusão de que essa falha causou o apagão em 15 de agosto).
8. Como a Associação avalia a “corrida” para instalação de parques eólicos off-shore no País e o que ainda precisa ser feito para que esses parques, de fato, comecem a ser instalados?
9. Quais são as principais demandas da ABEEólica atualmente?

**Nome:** Eduardo Wagner da Silva

**Atuação/Trabalho:** Coordenador-geral de Licenciamento Ambiental de Empreendimentos Fluviais e Pontuais Terrestres (CGTEF)

**Contato:** [imprensa@ibama.gov.br](mailto:imprensa@ibama.gov.br)

**Telefone assessoria:** 61 3316-1015

**Local da marcação:** On-line, via Zoom

**Data da marcação:** 30/08/2023

**Horário da marcação:** 16h

**Sugestões de perguntas:**

1. Nós entrevistamos recentemente um representante da Semace, o órgão responsável pelos licenciamentos das eólica on-shore aqui do Estado e foi nos informado que o Ibama estaria à frente dos licenciamentos das off-shore. Essa é uma decisão que foi acertada assim desde o início ou algo que mudou?
2. Como você avalia o atual cenário das off-shore aqui no Estado? A gente sabe que existe um certo tipo de “corrida” para a instalação desses empreendimentos, mas não sabe ao certo a que pé eles andam. Existe alguma previsão para alguma decisão em relação a isso?
3. Como é deve ser/está sendo o processo de licenciamento dessas usinas? O que a gente sabe até então é que os critérios para a instalação desses parques ainda não estão completamente definidos, mas já existe algum definitivo?
4. Como as reivindicações acerca dos impactos ambientais, principalmente por parte de comunidades costeiras, e as experiências com conflitos nos processos das usinas on-shore estão sendo levado em conta nesse processo?

5. O Brasil tem 189 GW de projetos eólicos offshore em licenciamento. O Rio Grande do Sul lidera com 33% da capacidade registrada no Ibama, seguido pelo Ceará e pelo Rio. Em dezembro de 2022, o Ibama estava analisando 21 projetos offshore no Ceará e, em julho deste ano, 22; mas pra que esses projetos sejam, de fato, implantados, o marco regulatório que orienta a construção das usinas eólicas dentro do oceano deve ser aprovado. O Ibama já se prepara para esse momento de alguma forma?

**Nome:** Andréa Camurça

**Atuação/Trabalho:** Assistente social, ativista do Instituto Terramar, integrante do conselho deliberativo do Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos (Condel).

**Contato:** 85 988663430

**Local da marcação:** Online, via Zoom

**Horário da marcação:**

**Sugestões de perguntas:**

1. Fala um pouco do trabalho que o Terramar desenvolve no âmbito da assistência social junto às comunidades tradicionais e, especificamente, no Cumbe.
2. No contexto da implantação dos parques eólicos e impactos nos modos de vida, quais tem sido as principais demandas com as quais vocês têm atuado?
3. No caso do Cumbe, com quais situações vocês tem trabalho e como tem sido esse trabalho?
4. Sabemos que os impactos do parque eólico no Cumbe vão muito além dos aspectos físicos e ambientais, mas chega também nos modos de vida da comunidade, nas relações e na perspectiva social como um todo. Comenta pra gente sobre esses impactos “humanos”.
5. Sobre os “filhos do vento”, fale sobre o contexto desse impacto e qual é a relação da comunidade com ele.
6. Porque esse é um tema delicado e quais os impactos na vida das famílias, principalmente as mulheres e crianças?
7. Quais seriam formas de atuar para mitigar esse impacto, antes e depois.

**Nome:** Soraya Tupinambá

**Atuação/Trabalho:** Sócia e ativista do Terramar

**Contato:** 85 996675785

**Dia da marcação:** 28/07/2023

**Local da marcação:** Sede do Terramar em Fortaleza

**Horário da marcação:** 14h

**Direcionamento da entrevista:** O Terramar vai trazer o ponto de vista de uma instituição que já trabalha há muito tempo na defesa de comunidades litorâneas e que observou de perto o início das manifestações dessas comunidades para com o requerimento de seus direitos. Queremos que eles abordem no doc: informações sobre a atuação do Instituto no local, justiça socioambiental, racismo ambiental, perspectivas do grupo que atua no local, perspectivas próprias de cada um que compõe o grupo.

**Sugestões de perguntas:**

1. Primeiro, a gente queria que você explicasse um pouco sobre o funcionamento do Terramar. Como o Instituto foi fundado e como se deu o início e é com é a sua atuação na comunidade quilombola do Cumbe, em Aracati.
2. Em 2012, o Instituto Terramar promoveu o “I Seminário Energia Eólica: Conflitos e Injustiças Ambientais na Zona Costeira” e em 2015, realizou o primeiro Seminário de Energia Eólica: Conflitos e Injustiças Ambientais na Zona Costeira e em 2014, o “segundo Seminário energia eólica, injustiças e conflitos ambientais nos territórios tradicionais e Camponeses”, que ocorreu no Município de Itapipoca. O que motivou esse evento e quais resultados ele gerou?
3. O Instituto Terramar atua há 30 anos na zona costeira do Ceará e tem acompanhado de perto os desdobramentos locais dessa dinâmica de instalação de parques eólicos, certo? O que vocês encontraram por lá (experiências práticas e visuais)?
4. Quais tipos de denúncias vocês têm feito a esses empreendimentos? (racismo ambiental)
5. Com relação aos “filhos do vento”, vocês já ouviram falar sobre esse termo? Qual o contexto desse impacto e qual é a relação da comunidade com ele?
6. Neste momento em que estamos agora, o que está mais latente nessa busca de direitos desses povos?
7. Sobre o futuro e as perspectivas de chegar a soluções possíveis e sustentáveis, qual são os caminhos?
8. Há algo mais que você gostaria de dizer?

**Nome:** Renato Roseno

**Atuação/Trabalho:** Deputado estadual e presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Ceará (Alece)

**Contato:** 85 981191654 (Angeline Carolino, secretária)

**Dia da marcação:** 27/09/2023

**Local da marcação:** Assembleia Legislativa

**Horário da marcação:** 14h

	<p><b>Direcionamento da entrevista:</b> O Renato atua como um dos principais representantes das discussões que envolvem as reivindicações dos povos tradicionais na Alece. A entrevista vai girar em torno dessa atuação dele e da comissão da qual ele é presidente, o que foi feito, o que está para ser feito e quais são os planos para o futuro.</p> <p><b>Sugestões de perguntas:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Atualmente, quais são os assuntos mais pungentes na agenda da comissão de direitos humanos?</li> <li>2. A gente sabe que algumas audiências sobre eólicas dentro e fora do mar, com comunidades tradicionais, foram realizadas sob a sua presidência. Como esse tema é visto pela comissão? (Se é urgente, por exemplo)</li> <li>3. Em relação a esses encontros, quais são as principais demandas (o que é buscado resolver) e quais/foram os principais encaminhamentos obtidos a partir deles?</li> <li>4. Quais desses encaminhamentos se destacam por critério de urgência?</li> <li>5. Em relação aos parques eólicos dentro do mar, em que essas audiências têm ajudado a identificar os pontos mais preocupantes?</li> <li>6. Em sua opinião, o Estado do Ceará vai conseguir receber esses empreendimentos em um futuro próximo? (Citar o apagão e o relatório da ONS que confirmou que uma falha nas eólicas do CE causou ele) Quais são os caminhos para que se chegue a soluções socioambientalmente justas?</li> </ol>
<p><b>Equipamentos e outras observações</b></p>	<p>Levar equipamento para iluminação e captação de áudio.</p>
<p><b>Documentários/vídeos</b></p>	<p>Cartografia social e energia eólica no litoral oeste do Ceará - LABOCART  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=r5aI64SMTkE&amp;t=31s">https://www.youtube.com/watch?v=r5aI64SMTkE&amp;t=31s</a></p> <p>Energia Eólica - Injustiças Ambientais nos Territórios de Pesca Artesanal – TERRAMAR  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=PRdfdTzsBFs">https://www.youtube.com/watch?v=PRdfdTzsBFs</a></p> <p>WEBSÉRIE “PRA QUEM SOMPRAM OS VENTOS” - Cáritas Brasileira Regional Nordeste-2  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=MCBvGGDS7zs&amp;list=PLfzB7Tt-g3G81FF909TTCXdjVO2vF11M7">https://www.youtube.com/watch?v=MCBvGGDS7zs&amp;list=PLfzB7Tt-g3G81FF909TTCXdjVO2vF11M7</a></p> <p>Documentário "Vento Agreste" (2023), por João do Vale</p>

	<p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=pYEDygsfheE&amp;ab_channel=VentoAgreste">https://www.youtube.com/watch?v=pYEDygsfheE&amp;ab_channel=VentoAgreste</a></p> <p>Reportagem “Vizinhos do Vento: jovens engravidam de trabalhadores de parques eólicos e são abandonadas” (2023), por Record TV</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=jjwgOeJnp4M&amp;ab_channel=JornaldaRecord">https://www.youtube.com/watch?v=jjwgOeJnp4M&amp;ab_channel=JornaldaRecord</a></p>
<b>Instituições/organizações</b>	<p>Observatório da Energia Eólica - LABOCART UFC</p> <p><a href="http://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/">http://www.observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/</a></p> <p>Instituto Terramar</p> <p><a href="https://terramar.org.br/">https://terramar.org.br/</a></p>
<b>Links</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● <a href="https://www.brasildefato.com.br/especiais/quilombo-do-cumbe-co-munidade-no-ceara-luta-para-ser-reconhecida-e-resiste-a-pressao">https://www.brasildefato.com.br/especiais/quilombo-do-cumbe-co-munidade-no-ceara-luta-para-ser-reconhecida-e-resiste-a-pressao</a></li> <li>● <a href="https://www.brasildefato.com.br/2022/08/09/parques-eolicos-prod-uzem-energiainpa-mas-impactos-sociais-preocupam-no-nordeste">https://www.brasildefato.com.br/2022/08/09/parques-eolicos-prod-uzem-energiainpa-mas-impactos-sociais-preocupam-no-nordeste</a></li> <li>● <a href="https://apublica.org/2023/07/expansao-de-eolicas-ameaca-comunidades-e-caatinga-no-semiarido-do-rio-grande-do-norte/">https://apublica.org/2023/07/expansao-de-eolicas-ameaca-comunidades-e-caatinga-no-semiarido-do-rio-grande-do-norte/</a></li> <li>● <a href="https://apublica.org/2023/07/hidrogenio-verde-gera-corrída-por-eolicas-no-mar-e-preocupa-pescadores-no-ceara/">https://apublica.org/2023/07/hidrogenio-verde-gera-corrída-por-eolicas-no-mar-e-preocupa-pescadores-no-ceara/</a></li> <li>● <a href="https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/09/26/ons-aponta-falha-em-usinas-eolicas-e-solares-como-causa-do-apagao-e-deve-propor-regulacao.ghtml">https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/09/26/ons-aponta-falha-em-usinas-eolicas-e-solares-como-causa-do-apagao-e-deve-propor-regulacao.ghtml</a></li> <li>● <a href="https://epbr.com.br/mapa-da-energia-eolica-offshore-no-brasil/">https://epbr.com.br/mapa-da-energia-eolica-offshore-no-brasil/</a></li> <li>● <a href="https://epbr.com.br/senado-aprova-marco-das-eolicas-offshore/">https://epbr.com.br/senado-aprova-marco-das-eolicas-offshore/</a></li> <li>● <a href="https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/egidio-serpa/ibama-analisa-21-projetos-offshore-do-ceara-com-potencia-de-53-gw-1.3310425">https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/egidio-serpa/ibama-analisa-21-projetos-offshore-do-ceara-com-potencia-de-53-gw-1.3310425</a></li> <li>● <a href="https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/eolicas-offshore-e-hidrogenio-um-caso-para-o-litoral-setentrional-do-nordeste/">https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/eolicas-offshore-e-hidrogenio-um-caso-para-o-litoral-setentrional-do-nordeste/</a></li> <li>● <a href="https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/egidio-serpa/hidrogenio-verde-fortescue-fara-amanha-audiencia-publica-no-pecem-1.3399249">https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/egidio-serpa/hidrogenio-verde-fortescue-fara-amanha-audiencia-publica-no-pecem-1.3399249</a></li> <li>● <a href="https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios">https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios</a></li> <li>● <a href="https://apublica.org/2023/07/hidrogenio-verde-gera-corrída-por-eolicas-no-mar-e-preocupa-pescadores-no-ceara/">https://apublica.org/2023/07/hidrogenio-verde-gera-corrída-por-eolicas-no-mar-e-preocupa-pescadores-no-ceara/</a></li> </ul>

--	--

## APÊNDICE B - CRONOGRAMA DE GRAVAÇÕES DA TERCEIRA VISITA AO CUMBE (21 E 22/10/2023)

### CRONOGRAMA

**Título:** Documentário Filhos do Vento

**Equipe:** Euziane, Rogério e Léo

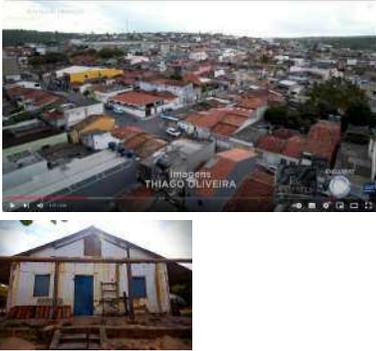
**Data:** 21/10/2023 e 22/10/2023

### DIA 1 - DIA 21/10

HORÁRIO	LOCAL / CENA	FIGURAÇÃO	REFERÊNCIA	OBSERVAÇÕES
8h as 9h30	Casa da Cleomar (entrevista principal)	Cleomar, moradores do Cumbe (vizinhos dela)		
09h30 às 10h	Imagens de apoio na casa da Cleomar	Cleomar, família e vizinhos		<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Gravar ela fazendo os afazeres do dia a dia, frente de casa, varrendo a casa, olhando pela janela, vendo fotos etc.</li> <li>2. Plano detalhe do rosto dela</li> <li>3. Cleomar mostrando a conta de luz que</li> <li>4. Gravar uma imagem da casa de cima (drone)</li> </ol>

<b>10h às 10h20</b>	<b>PAUSA PARA O LANCHE DESLOCAMENTO DA CASA DA CLEOMAR ATÉ A SEDE DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA</b>		
10h20 às 10h40	Imagens de apoio da Cleomar na sede da associação quilombola	Cleomar e outros associados que por ventura estejam por lá	 <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Filmar drone e câmera terrestre simultaneamente (imagens de apoio dela pelas ruas do Cumbe durante o deslocamento.</li> <li>2. Fimar Cleomar entrando na Associação</li> <li>3. Cleomar na frente da Associação</li> <li>4. Cleomar vendo os arquivos, observando os mapas, a pintura na parede etc.</li> <li>5. Ver a possibilidade de gravar no mangue.</li> </ol>
10h40 às 11h15	Deslocamento ao Cemitério	Cleomar e vizinhos que aparecerem pelo caminho	 <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Filmar ela andando e falando sobre a história do cemitério.</li> <li>2. Como o caminho é longo, podemos fazer as filmagens de depois seguir de carro.</li> <li>3.</li> </ol>
11h15 às 12h	Imagens do Cemitério		  <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Filmar ela no túmulo da mãe e falando da história.</li> <li>2. Filmar a cruz em contraste com a torre da eólica.</li> </ol>
<b>10h40 às 12h</b>	<b>PREPARAÇÃO PRÓXIMA CENA</b>		

<b>12h às</b>	<b>PAUSA PARA ALMOÇO</b>
---------------	--------------------------

<b>14h00</b>				
14h00 às 16h00	Gravações gerais da comunidade e  Escola Museu Ruas Imagens aéreas do Cumbe			1. Imagens aéreas e terrestres.
<b>16h00 às 16h15</b>	<b>DESLOCAMENTO PARA O PARQUE EÓLICO</b>			
16h15 às 18h00	GRAVAÇÃO S NO PARQUE EÓLICO			<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Imagens aéreas e terrestres do parque e dos aerogeradores.</li> <li>2. Filmar placas de segurança e de aviso.</li> <li>3. Filmar portões.</li> <li>4. Filmar as dunas.</li> <li>5. Imagem aérea do Parque pegando a comunidade.</li> </ol>

**DIA 2 - DIA 22/10**

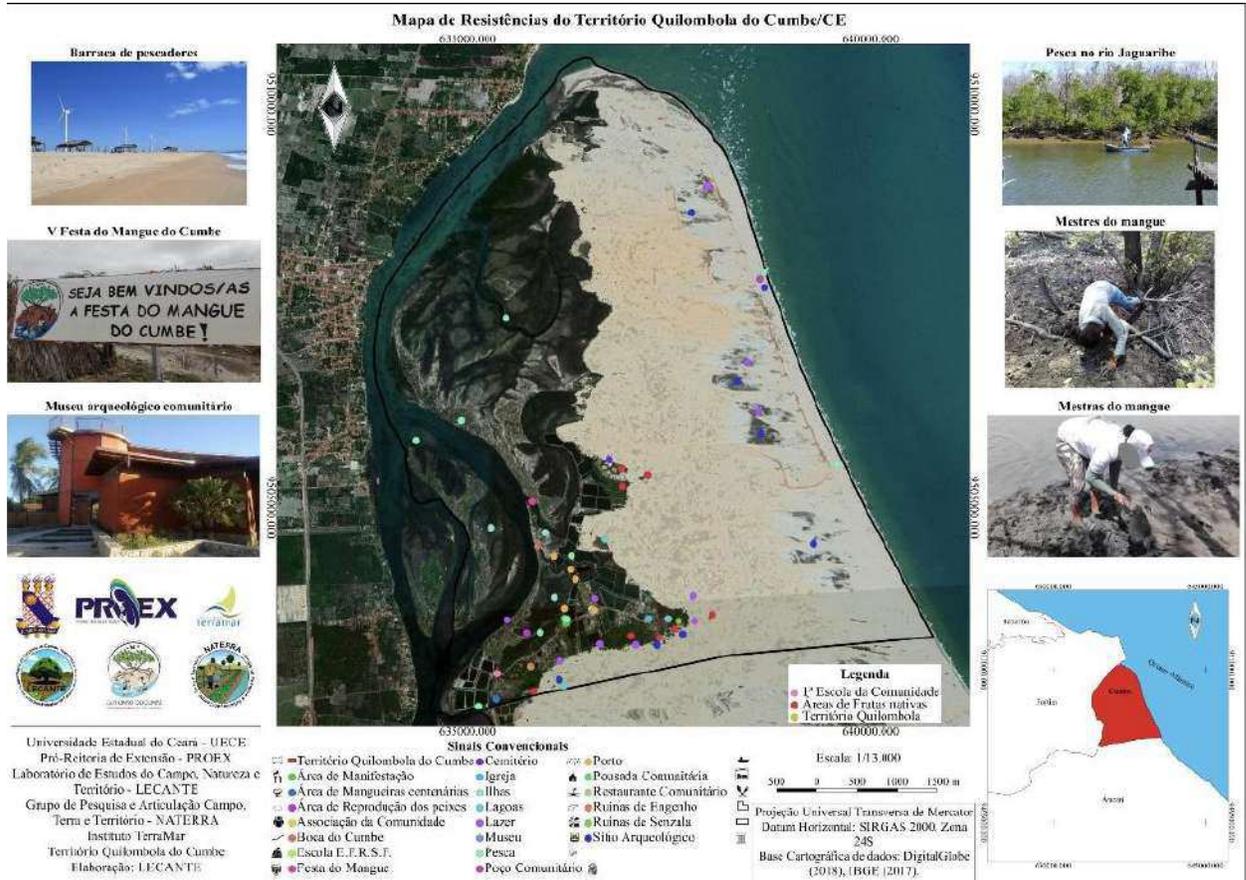
<b>HORÁRIO</b>	<b>LOCAL / CENA</b>	<b>FIGURAÇÃO</b>	<b>REFERÊNCIA</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<b>05h40 às 07h00</b>	Parque eólico ao amanhecer			Imagens aéreas e terrestres do parque eólico e aerogeradores ao amanhecer.
<b>07h00 às 08:00</b>	<b>CAFÉ DA MANHÃ NA CASA DA LUCIANA</b>			
<b>08h às 08h15</b>	<b>DESLOCAMENTO PARA O RIO - LOCAÇÃO DO RONALDO</b>			

08h30 às 10h	<a href="#">Entrevista do Ronaldo no Rio</a>	Ronaldo		<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ver a possibilidade e de gravar a entrevista dele no barco, ou sentado na frente do Rio.</li> </ol>
10h às 12h	Imagens de apoio Ronaldo no Rio	Ronaldo		<ol style="list-style-type: none"> <li>2. Imagens aéreas e terrestres do Rio e</li> <li>3. Filmar ele preparando os materiais de pesca</li> <li>4. Detalhe do barco e dos instrumento do trabalho</li> <li>5. Imagens dele dentro do barco</li> <li>6. Filmar ele pescando</li> <li>7. Entrar no barco e filmar o rio em movimento</li> </ol>
<b>12h às 14h00</b>		<b>PAUSA PARA ALMOÇO</b>		
14h às 17h	Filmagens gerais das locações			

# ANEXO A - MAPA DOS CONFLITOS DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO CUMBE/CE



# ANEXO B - MAPA DE RESIDÊNCIAS DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO CUMBE/CE



# ANEXO C - MAPA DE SISTEMAS AMBIENTAIS DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DO CUMBE/CE



## ANEXO D - MAPA DA RELAÇÃO DOS QUILOMBOLAS COM OS CORPOS HÍDRICOS

